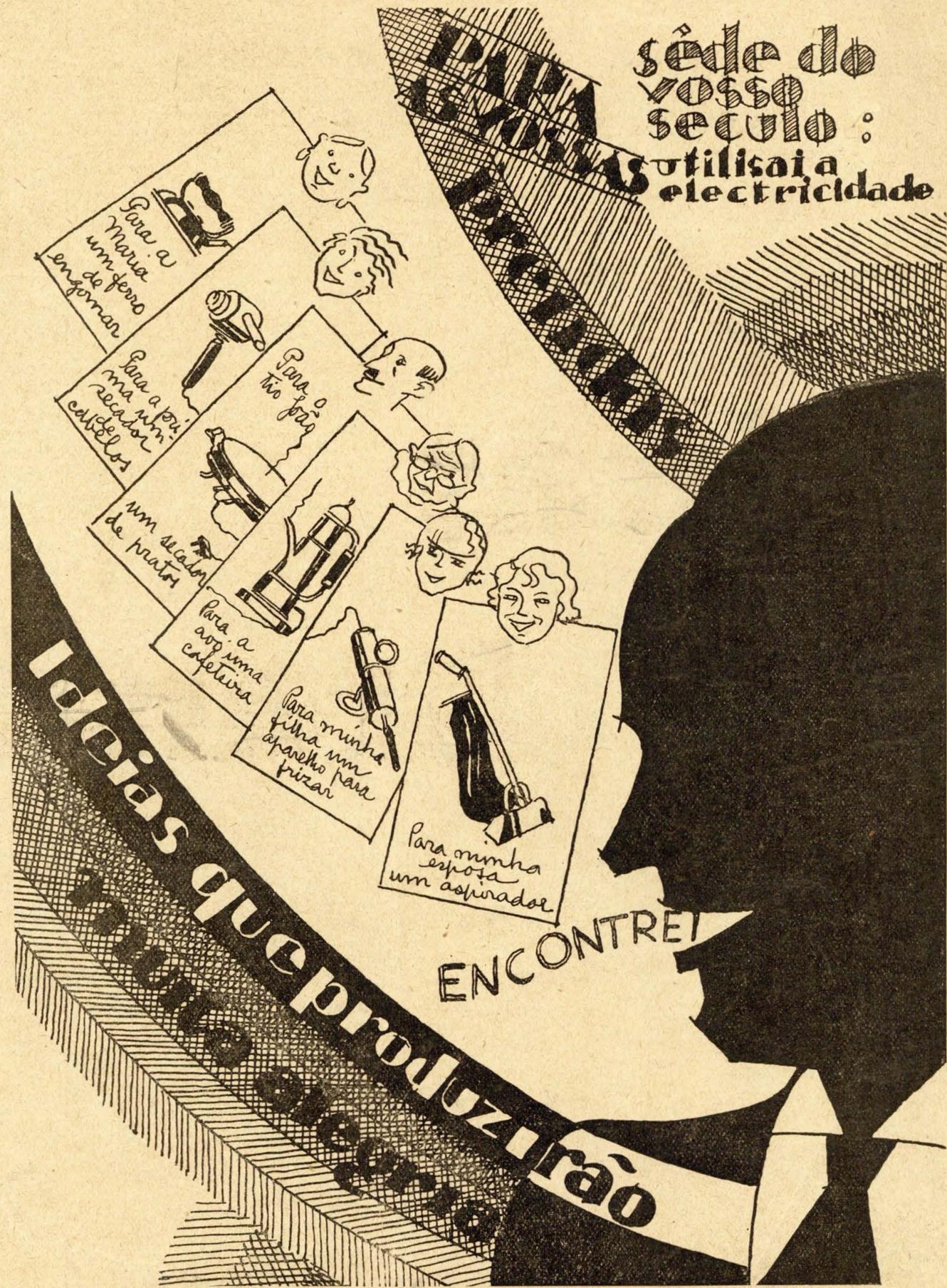




CINEGRAFIA

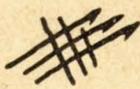
PREÇO ESC 1850



Tem obtido um êxito
extraordinário a exi-
bição do primeiro
filme sonoro em
Portugal

Sombras

Brancas



Apresentado

por

Metro Goldwyn Mayer

Filmes, L.^{da}

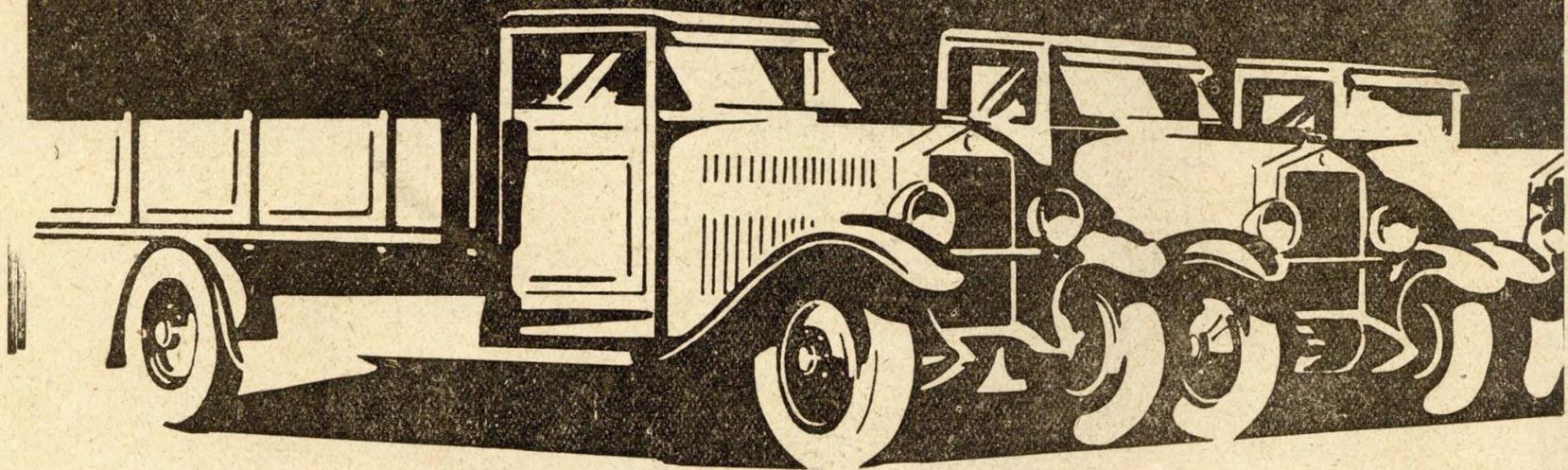
Factores essenciais
no transporte, são
as qualidades do
:: novo camion ::

FIAT

SOLIDO

ECONOMICO

VELOZ



MODELO

621

FIAT

SEIS

CILINDROS

2.000 Kilos

FIAT PORTUGUEZA S. A.

PALACIO DA AVENIDA

Avenida da Liberdade, 253
LISBOA—Telefone N, 2928

PORTO

Rua de Santa Catarina, 122
Telefone 1094

Redacção e Administração:
T. da Condessa do Rio, 27
Telefone Trindade 96
LISBOA — PORTUGAL

ASSINATURAS
pagamento adiantado

12 números 18\$00
24 " 36\$00
Ultramár - 24 números 39\$00
strangeiro - 24 " 75\$00

Cinegrafia

**A Revista Portuguesa de Propaganda Cinematográfica
de maior tiragem e expansão.**

Director:
Anselmo Pinto Bastos Vieira
Administrador: *João Sá*
Editor:
Henrique Pereira Ferraz

Composição, impressão
e gravuras de
BERTRAND (Irmãos), L.da
T. da Condessa do Rio, 27
LISBOA — PORTUGAL

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL CINEGRAFIA, L.DA



Colleen Moore, a formosa "estrela," da "First Nacional," interprete dos filmes Feia mas simpatica, Céu de Gloria, Senhora Marqueza, etc.

Na capa da frente: Leila Hyams, a encantadora "vedeta," da Metro

Na capa de traz: A graciosa actriz Georgina Cordeiro é uma grande apreciadora das maquinas de escrever "Underwood,"

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM ANO...

Cinegrafia, completa hoje um ano. Vinte e quatro números desta revista foram publicados num período de doze meses. Neste dia em que todos desta casa se congratulam com o êxito obtido pela *Cinegrafia*, enviamos os nossos agradecimentos á Imprensa do País pelo bom acolhimento que nos deu e ao público pela simpatia que nos dispensou.

No mesmo amplexo vão os nossos agradecimentos para aquêles que trabalham dentro da *Cinegrafia*.

Cinegrafia tem um ano; é ainda um bébé débil, que necessita apoio para poder andar. Esse apoio é a continuação daquêle que o público lhe tem dispensado. Nós prometemos cuidar dela com as mesmas atenções e o mesmo carinho, e estamos certos que ela vingará e será alguma coisa em Portugal.

Pouco a pouco, como uma flôr que desabrocha, ela irá progredindo, alheia ás intrigas mesquinhas e aos fac-

ciosismos perniciosos. As colunas da *Cinegrafia* não são para procurar situações ou provocar polémicas, utilizam-se para dizer verdades.

Quem, desde o primeiro número, tenha acompanhado a nossa revista, poderá avaliar os seus progressos e a veracidade das nossas afirmações.

Cinegrafia não é uma revista-balcão, onde se pretendam auferir lucros desmedidos; a nossa única ambição é agradar e mostrar ao estrangeiro que em Portugal também se podem fazer coisas tão boas como lá.

A nossa tiragem, de número para número, marca o interêsse pela revista; é ela quem continuamente nos incita e nos estimula a trabalhar.

Nada mais nos resta dizer do que repetir os nossos agradecimentos á Imprensa, ao público, e a todos que têm tido e manifestado o seu interêsse e entusiasmo pela nossa revista, pela *Cinegrafia*.



A deliciosa Clara Bow, uma das mais lindas "estrelas" da Paramount

... faleceu, ontem, o senhor Anastácio Silvestre ...

Desenho
de
B O T E L H O

Novela curta
por
ARNALDO BRANDEIRO

Lá está! Coitado dêle!

Estirado na cama, a bôca aberta, os olhos cerrados, o nosso amigo Anastácio Silvestre, agonisa. Chegou a casa, á tarde, cheio de febre e com arrepios de frio. Pediu á mulher que lhe puzesse uns sinapis-mos na barriga das pernas e deitou-se.

Em pouco tempo, delirava, e agora está a morrer.

Os parentes mais chegados, andam pela casa, como fantasmas, soluçando e tapando a bôca com o lenço, para que o doente se não aperceba de que choram, e, querendo evitar todo o ruído, tropeçam a cada passo, com as cadeiras, batem com as portas, e fecham com estrepito as janelas.

A campainha da porta da rua está afónica. Ataram-lhe um trapo ao badalo, para evitar a estridência.

Mas como dentro de casa ninguém ouve o seu badalar, succede que as pessoas que chegam têm de dar sinal de si aos gritos, aos pontapés e aos murros.

E, assim, o nosso Anastácio, morre sereno, no meio de tantos gritos, encontrões e pontapés...

Piora. Pouco a pouco, a sua palidez aumenta. Dentro de poucas horas, talvez mesmo dentro de poucos minutos, o doente instalar-se-á na sua nova habitação, um quarto alegre, cheinho de luz e de encanto, que terá porta para a escada, atendendo a que foi em vida um absoluto cumpridor dos seus deveres cívicos e religiosos, e para o qual, S. Pedro, lhe indicará o caminho, estendendo a santa mão, onde reluz a chave de prata...

A' roda da cama, choram em silêncio os filhos, a mulher, os netos, os genros, a sogra, os sobrinhos, os cunhados, a mulher do lugar da hortaliça, o merceeiro da esquina, velho amigo, e o lulu da Fina, que, desconfiado, vai cheirando as pernas ao sr. Manuel da Silva, o merceeiro.

De repente, Anastácio estremece dos pés á cabeça. Abre os olhos, vê os circunstantes e as suas pupilas deixam transparecer um grande assombro.

Todos se precipitam sôbre êle.

— Papá, queres que se mande chamar o senhor padre Neto, para te confessar?

— Meu amor — diz-lhe a mulher — lembra-te onde está a chave da mala grande, onde se guardaram as velas de cêra que serviram na Semana Santa?

— Quere tomar um caldinho — atalha a sogra, obsequiosa.

— Não deve falar. Não fale, amigo Anastácio — diz ainda o sr. Manuel da Silva.

Mas o doente fecha de novo os olhos, e como resposta a tanta pergunta, morre, depois de ter aberto a bôca três vezes e de ter suspirado.

Todos os parentes choram então, em côro e em voz alta. Fazem bem. É um alívio e depura o sangue. (Está provado quimicamente).

A notícia corre veloz. Todos os vizinhos estão consternados. Todos se admiram e não querem acreditar.

— Quem havia de supôr, uma desgraça destas, assim tão depressa. Coitado! Era uma boa alma... — diz o vizinho do segundo, esquerdo, a quem o falecido insultara em tempos, por causa do lulu da Fina.

— Pobres senhoras, o que irá ser delas, tão delicadas e de tão boas pagas — afirmava a leiteira, que vinha tentar receber uns atrazados.

— Tão bom sujeito...

— E tão robusto.

— Parecia que vendia saude...

— E muito delicado, muito amigo da família.

— Era um santo.

E a conversa continuava animada entre a vizinhança, que se não cansava de inumerar as boas qualidades do falecido.

A morte é um sabão de mágicos efeitos. Tira todas as nódoas e faz esquecer as más qualidades.

Agora, em casa do morto, discute-se.

Discute-se como deve ir vestido o Anastácio. Fala-se de modas. Aduzem-se argumentos, vindos de Paris, com o *Mon Ouvrage*. Há quem queira que se lhe vista o hábito de qualquer ordem religiosa, opinam outros que deve ir de «frack».



Ainda outros, são de opinião de que a casaca lhe fica melhor. Por fim, resolve-se pôr-lhe aos ombros o velho «frack» do casamento, na impossibilidade de lho vestir, por estar apertado e por se ter reconhecido que o morto não tinha casaca, que era, afinal, o que lhe ficaria melhor.

Chega o caixão.

Novas discussões. Dizem uns que deve ficar voltado para a porta, outros que deve ficar voltado para a janela. Alguém resolve o conflito, pondo-o em diagonal, no meio da casa.

As paredes estão forradas de panos que foram pretos. As velas acesas, alinhadas militarmente. Um Cristo toma o comando. A um canto da sala está uma enorme sobrecasaca, sem côr definida. Dentro da sobrecasaca, há um homem. E' o empregado da agência funerária.

Há já bastantes flôres. O Anastácio adivinha, no rôsto dos presentes, a dolorosa impressão que a sua morte produziu. E se não estivesse morto, tinha, forçosamente, de morrer.

Chegam os conhecidos, que vão espalhando frases de resignação.

— Coragem. Então, hoje êle, amanhã nós...

— Sinto muito o seu desgosto.

— Coitado! Bom homem, excelente amigo.

Entram na sala, olham o morto, abanam a cabeça e suspiram.

Sentam-se cabisbaixos, serios. Pouco a pouco vão olhando a assistência. Observam. Quando a sala está cheia, cedem o lugar às senhoras, por cortezia, e vão, distraídos, dar todos á casa do jantar, onde se conversa e se fumam os cigarros do morto.

O numero de homens cortezes aumenta, porque a casa do jantar está cheia.

A mulher a dias vem distribuir café, e põe sôbre a mesa, um frasco de aguardente de ginja, que o Anastácio preparára, para se provar só para o ano.

A concorrência na camara ardente, diminui...

Pobre Anastácio!... Ali está, imóvel, adivinhando que lhe estão a fumar os cigarros e a beber o café e a aguardente que fizera para ajudar as suas laboriosas digestões.

A um canto, uma velha relata a agonia do desgraçado.

— Coitado, ficou-se como um passarinho...

— Faz pena. Ainda novo... Ele teve as suas coisas... enfim... Deus lhe perdôe...

— Quem é aquela senhora, que não deixa de chorar?

— E' a sogra.

— Ah! Sim. A Madalena...

— ... arrependida — respondem do lado.

Noutro canto, muito juntos, sentados quási um no outro, uma pequena, joelhos á mostra, mas vestida rigorosamente de luto, por decôro, e um rapaz, primeiro caixeiro nos Armazens do Povo, na rua de Santa Luzia.

— Sim, Ameliázinha. Agora, que ninguém nós vê. Estão todos a dormir...

— Não, Eduardo. Não.

— Um só. Queres? Aí, no cantinho da bôca.

— Não, não quero. O morto está a olhar para nós — e, precipitadamente, puxou as saias para baixo, levantando-as mais.

Estala o ruído dum beijo.

— Que bom.

— Grande mau!...

No extremo oposto da sala, uma velha, de joelhos, vai também dizendo palavras de ternura: Avê Maria, cheia de graça...

Na casa do jantar, o sentimento origi-

nado pela morte do Anastácio, diminui com a aguardente no frasco e o café na cafeteira. Fala-se alto. Grita-se De repente todos se calam.

— Quem é?

— Um parente do pôbre Anastácio.

Na manhã seguinte, os jornais publicam a notícia:

«Vitimado por uma dolorosa doença, faleceu, ontem, o sr. Anastácio Silvestre, muito conhecido no meio comercial, onde era um valioso ornamento, etc.»

O enterro. Todos se amontoam, no pátamar da escada. Estão alegres. Um passeio de automovel não é motivo para tristezas. Entre os soluços das mulheres, passa o Anastácio, ás costas dos moços. Todos se descobrem. A funebre comitiva põe-se em marcha. Chegam ao cemitério. Todas as fisionomias mudam de aspecto. Os que choravam, choram mais, os que sorriam, ficam sérios. Vem o padre. Quatro latinadas, um pouco de água benta e pronto.

Os coveiros vão cumprir a sua missão. Armam os laços. De repente, ouve-se uma voz:

— Atenção.

Todos se empinam para vêr.

Um sujeito faz sinal para que o escutem, passa a mão pela cabeleira desgrenhada pelo vento, tosse e diz:

«Meus senhores. Dolorosamente comovido, por... pela... etc.»

Depois... uma cova que se fecha e um Anastácio Silvestre que se esquece.

Abril, 1930.

“LA PETITE PARADE”

Um grande filme sonoro realizado pelo extraordinário Ladislav Staréwitch

A' noite, quando as crianças dormem, os brinquedos criam vida. Re-

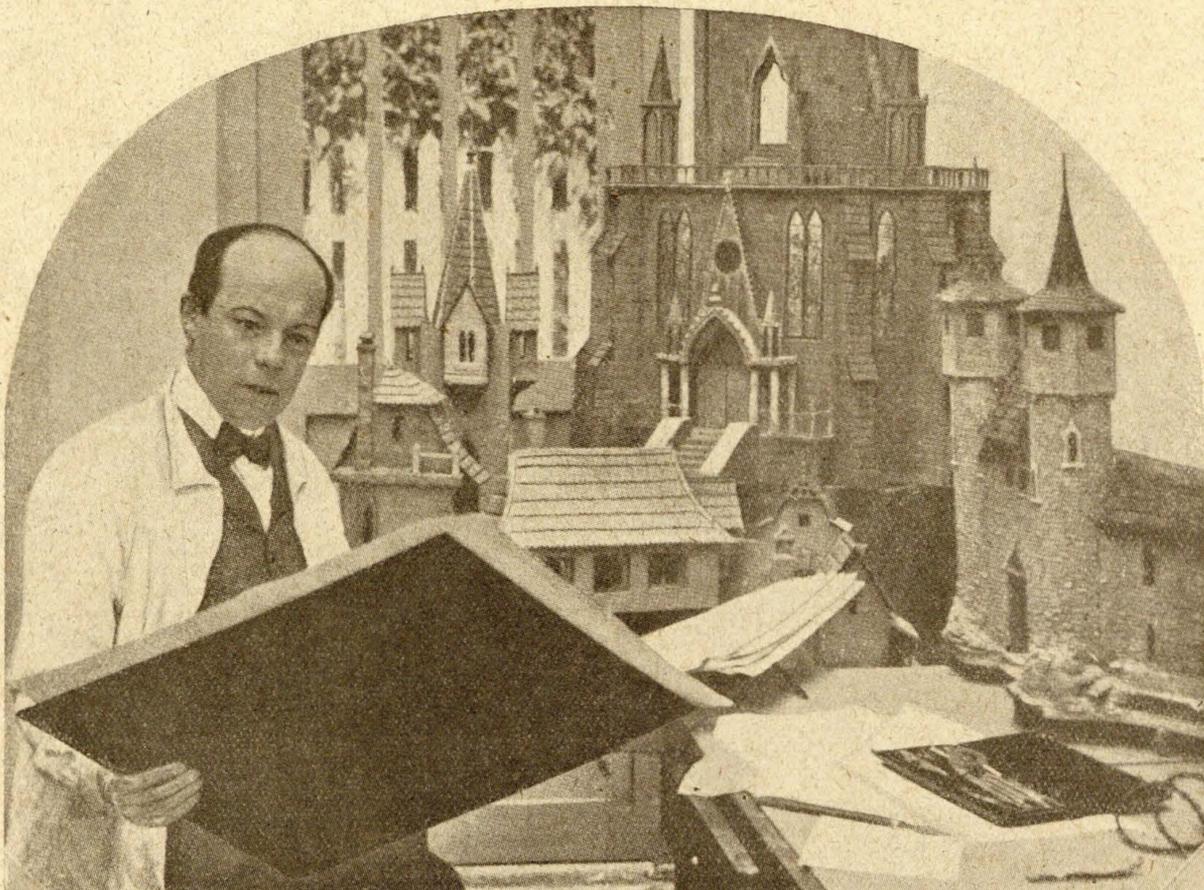
unidos pelo acaso e agrupados pelas mãos mimosas de uma criança, to-

mam conhecimento de todas as alegrias e tristezas que assaltam o homem.

Os soldadinhos de chumbo têm o heroísmo de verdadeiros soldados; a boneca, trajando de bailarina, tem todos os defeitos das suas semelhantes e todas as curiosidades de uma filha de Eva. Diante de uma caixa misteriosa que, ciosamente, encerra um cãozinho em peluche, sonha: o que poderá ter? E não sossega sem que a sua curiosidade seja satisfeita.

Um demónio surge, a caixa de Pandora abre-se e o paraíso terrestre dos brinquedos, definitivamente perdido.

O materialista *Cassenoisette* dança diante de todas as tentações que o demónio lhe oferece. Lutas, combates, cenas de amor, tudo quanto na vida existe se apresenta no grande filme sonoro *La Petite Parade*, que em breve será exibido em Lisboa, distribuído pela Sociedade Universal de Super-Films (S. U. S.), não é o filme já projectado com o título de *A Pequena Parada*, mas sim uma produção de Louis Nalpas, realizada por Ladislav Staréwitch, o formidável criador de *O Relógio Mágico*, a obra prodigiosa de bonecos articulados.



Ladislav Staréwitch





O DIABO

(DER WEISSE

COROS PELOS
COSSACOS DO DON

Sob a direcção de SERCE JAROFF
que Lisboa e Porto ouviram
e aplaudiram recentemente

Música de SCHMIDT GENTNER

Realização de

ALEXANDER WOLKOFF

INTÉRPRETES

HADJI MOURAD (O Diabo Branco) . . .	IVAN MÔSJOUKINE
NÉLIDOWA	LIL DAGOVER
SAÍRA	BETTY AMANN
Tzar Nicolau I.	Fritz Alberti
Conde Voronof	A. Murski
Riaboff.	G. Seroff
Iousouf.	K. River
Schamil	A. Chakatouny

O DIABO

é uma Super-produção de 1930

que está sendo exibida no Politeama com
FORMIDAVEL EXITO

Sobre as pitorescas vertentes dos montes caucásicos vivem e independentes, vários povos, chefiados civilmente pelo seu rústico compatriota Schamil. Uma noite, em que os habitantes de uma dessas aldeias montanhosas se divertem, ouvindo canções populares de uns músicos ambulantes, e enquanto os moços dançam os bailados locais do ritmo das referidas canções, surge de surpresa o ataque de alguns batalhões russos, que penetram na aldeia, para a destruírem e levarem consigo grande número de prisioneiros. Mas o comandante militar, Hadji Mourat, geralmente estimado pelos seus compatriotas, consegue vingar-se dos russos, atraindo os soldados para um desfiladeiro, cuja garganta lhes tapa com o desabar de uma avalanche artificial. Um temerário ataque da sua cavalaria aniquila a tropa inimiga. Hadji é humano e não quer que os prisioneiros que, por sua vez, fazem maltratados. O facto, bem explo-



BRANCO

TEUFEL)

SUPER-PRODUÇÃO
SONORA e CANTANTE

BLOCH-RABINOWITCH DA



Direcção Fotográfica de
CURT COURANT

Argumento inspirado na novela de **LEO TOLSTOI** intitulado **HADJI MOURAD**

BRANCO

Exclusivo { RAUL LOPES FREIRE } Associados { LISBOA
{ e H. DA COSTA } { PARÍS

rado por Schamil, ciumento da sua influência, leva a população a excitar-se contra ele, obrigando-o, para salvar a vida, a fugir, para o meio desses russos, que no seu interesse pessoal e aproveitando os seus talentos estratégicos, o acolhem de melhor agrado. Querem utilizá-lo para derrotar os seus compatriotas, mas Hadji recusa-se a tais desígnios, e nem a benevolência do Tzar nem a faustosa vida de S. Petersburgo (a acção passa-se no século XIX), conseguem fazê-lo mudar de tenção.

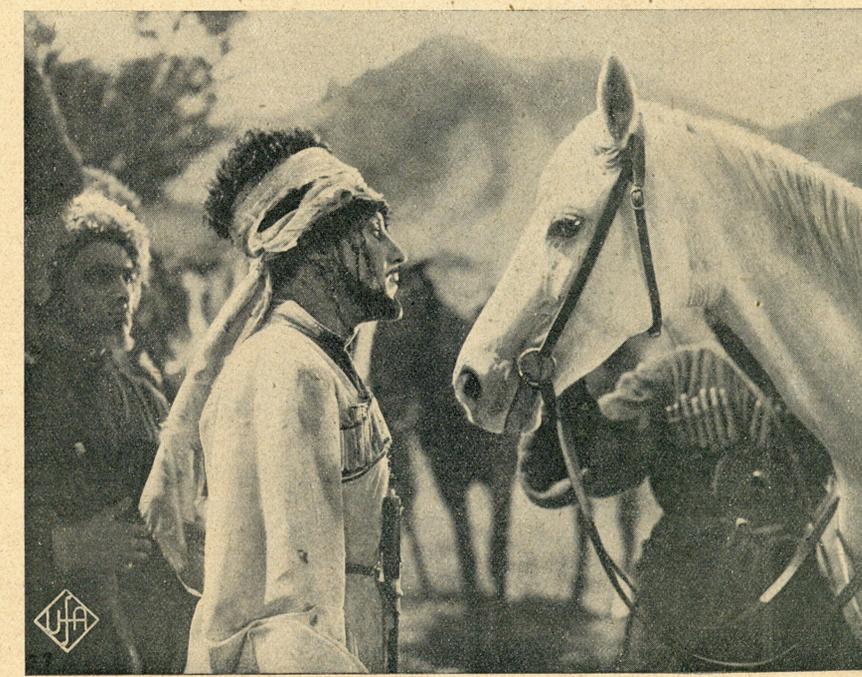
Durante uma representação de gala, Hadji Mourat reconhece numa das dançarinas a sua compatriota Saira, uma das mulheres raptadas pelos russos e que, por causa da sua beleza extraordinária, é alvo das perseguições amorosas do Tzar. Como é seu hábito, Hadji procede sempre com grande firmeza e decisão. Por ordem do soberano, Saira é levada para um pavilhão de caça afastado, onde ele a tentará desonrar, e, por



uma tremenda noite de vento e chuva, torná-la sua amante. Hadji introduz-se no pavilhão e, após um incidente com o imperador, consegue salvar a rapariga, com quem casa. Nicolau I é jogador que sabe perder: como prêmio ao adversário que o venceu, ordena que Hadji parta a combater os caucásicos, com a clausula secreta de que lhe conservem a mulher, como refem, no estado maior. Pelo seu lado, e nessa mesma ocasião, Hadji tem conhecimento de que Schemil aprisionára a sua mãe e o filho do seu primeiro casamento, Josouff, tendo determinado o empalamento da criança num prazo curto.

Estamos na noite de Páscoa. Apro-

veitando o esplendor solene do soar dos sinos e dos cantos litúrgicos, que reúnem os soldados russos numa procissão á igreja da guarnição, Hadji Mourat, que deve chefiar uma revolta, fracassada, foge com a mulher para a sua montanha natal. Os russos perseguem-no e conseguem apanhá-lo, obrigando-o a um combate desigual, em que o herói é gravemente ferido. Semimorto, é levado para a sua pátria, que ainda quer revê-lo, assim como os entes que lhe são caros, por alguns compatriotas que lhe acudiram. E morre, sob as bênçãos da sagrada bandeira da independência caucásica, calmo, como um soldado, como um herói.



DE BERLIM...

Serviço especial de CINEGRAFIA

Abril de 1930.

— Já viu *Valsa de Amor*, o novo filme sonoro da Ufa?...
— Chegámos apenas há dias e...
— ... não admirou ainda a voz de Willy Fritsch, as canções de Georg Alexander, e o riso de Lillian Harvey... E' pena... mas vá vê e depois conversaremos.

— Abaixo o sonoro!...
— B., você grita abaixo o sonoro, quando justamente está trabalhando em dois filmes desse género?!... Antes deveria estar muito contente, porque você é, afinal, uma das raras artistas do cinema mudo que conseguiu manter a sua posição...
— O sonoro é uma coisa sem pés nem cabeça. Agora, os senhores americanos preparam-se para dar cabo do pouco que ainda



Obedecemos... Um português obedece sempre a uma senhora, mórmente quando ela é como B..., uma senhora, na verdadeira acepção da palavra.

Valsa de Amor é um bom filme, estragado por uma sincronização péssima... Os aparelhos têm, de vez em quando, manhas; uma canção é interrompida, frequentemente, por um barulho muito semelhante ao... do estrear de foguetes, o diálogo é-nos dado em vozes roufenhas e... — pobre Lillian Harvey — muitas vezes as vozes femininas tornam-se másculas... Se a projecção do filme fôsse acompanhada de uma boa orquestra e alguns ruídos, o sucesso seria certamente muito maior.

Encontrámos B., volvidos alguns dias. A sua primeira pergunta foi se havíamos visto *Valsa de Amor*. Respondemos afirmativamente e comunicámos-lhe as nossas impressões.

resta á Sétima Arte. Viu *Celly*, o filme totalmente sonoro e colorido?

— Vimos... mas os nossos ouvidos e os olhos, á saída, sangravam...

— E' verdade... Mas não digam nada na sua revista, porque... perderia os meus contratos.

Prometemos não revelar o nome da gentil artista, mas a sua opinião sincera, não quisemos deixar de a registar nas páginas da *Cinegrafia*.

Já dias antes tínhamos tido uma interessante conversa com Siegfried Arno — recordam-se daquêlê rapaz pencudo que deu grande realce a uma das ultimas fitas de Anny Ondra, *O camarim de Siegfried*? — Ele é um dos principais interpretes da revista de grande sucesso, *Os três mosqueteiros*, um camarim caracterís-

tico... Algumas fotografias junto ao espelho... mas — é melhor ficar por aqui — não pretendemos ser indiscretos...

— O filme mudo morreu!... Bum... Bum... Bum... — e Siegfried então os primeiros compassos da «Marcha funebre», de Chopin...

— Lamenta a sua morte, Siegfried?

— Sim..., embora espere firmemente que êle em breve resuscite...

— Mas... o filme sonoro alemão tem em si um dos seus principais interpretes...

— O filme sonoro é apenas nacional... A rapariga do pingalim, por exemplo, não teria um terço do êxito se fôsse sonoro. Gostaram dêste filme, em Portugal, segundo vi na *Cinegrafia*.

— Muito. Quando o tornaremos a vêr num filme mudo?...

— Olhe... *chi lo sa?*...

— O filme sonoro é um disparate... mas está sendo introduzido em todos os países.

— Efectivamente assim é. Verá que é questão de pouco tempo mais, estou convencido. No entanto, nós vamos trabalhando neste novo género de filme...

Há dias, devido á extrema gentileza do dr. R. Bermann, passámos a tarde em casa de Husza Puffy. Puffy é aquêle actor húngaro que vimos ao lado de Lon Chaney em *O Mujic*, que tem interpretado os mais variados papeis e que actualmente trabalha em *O rei de Paris*, num filme sonoro com duas versões, francesa e alemã.



Anita Page, formosa "estrela," da Metro Goldwyn Mayer, confessa-nos que o seu verdadeiro segredo consiste em tomar diariamente BOVRIL, o reconstituente favorito das "estrelas," de Hollywood

— O sonoro?...

— Interessante, mas o filme mudo tem mais movimento.

Victor Varconi, que estava ao lado, pareceu discordar. Victor Varconi regressará, em breve, á América, confiando absolutamente no sonoro. Perante alguns argumentos poderosos que nos permitimos fazer, vacila e... afasta-se.

Nos studios de Tempelhof falámos com a gentil Marie Glory. A formosa «estrela» francesa interpreta, ao lado de Ivan Petrovich, o papel principal de *O Rei de Paris*. A um canto, enquanto o novo ídolo do publico feminino ensaia uma scena, em que Petrovich toca — perdão, faz que toca magistralmente — violino, conversámos com Marie Glory, quási ciciando.

— Ainda é uma inimiga *enragée* do sonoro?

— Mantenho, com fidelidade, as minhas opiniões. Nenhum filme sonoro nos poderá dar a beleza de quadros e de movimento que admiramos no filme mudo. No entanto e infelizmente, o filme mudo morreu...

— Não o crêmos...

— Acredite-me. Lamento sinceramente não estar tão convencida como os senhores, que não julgam isso uma verdade...

— Ou o sonoro evoluciona, ou dentro de um ano terá poucos adeptos...

— Da sua opinião, inteiramente — diz-nos uma voz, em português. Voltamo-nos. Quem nos fala, agora, é Artur Duarte, que tambem trabalha em *O Rei de Paris*.

Suzanne Bianchetti, que interpreta no filme o papel de duquesa, passa diante de nós, sorrindo, numa gravidade austera de grande fidalga... (Não é ela a imperatriz de quási todos os filmes históricos franceses?...).

— Silêncio!...

Mas Marie Glory, entusiasmada, conta-nos ainda a vida agitada que tem tido. As palavras mal nos chegam aos ouvidos.

— Silêncio!... — impõe alguém, pela segunda vez.

Fingimos que nos calamos... O barulho de um avião que descola, no campo de aviação que existe ao lado, interrompe a filmagem... A orquestra ataca, de novo, um tango... Ivan Petrovich maneja o arco do violino, como um verdadeiro «virtuose». E... a um canto, Marie Glory, Artur Duarte e nós, continuamos a conversa interrompida, desrespeitando a ordem de silêncio absoluto.

— Em *Dois mundos* tive um trabalho exaustivo. Muito desejava obter um pouco de repouso, esse repouso que, há tanto tempo ambiciono... — diz-nos a bela Marie Glory.

— E que nunca chega, porque é uma artista querida do publico e dos colegas... — interrompe o nosso compatriota.

— Artur Duarte tem razão... Em Portugal tem grande numero de admiradores, sabe? — dissémos.

— Sei... Recebo tantas cartas de lá. Os portugueses são muito amáveis para comigo, muito embora só tivessem visto dois filmes meus, creio...

— Justamente... *O Dinheiro e Monte-Cristo*. Está realmente bem informada.

Marie Glory vai agora fazer uma scena. Saímos, prometendo assistir á estreia em Berlim de *L'enfant de l'amour*.

Danziger, um dos directores da Wengeroff Film, acompanha-nos no nosso regresso a Berlim. Não pudémos deixar de lhe comunicar a nossa estranheza pelo que se passa. Efectivamente, todos — publico, actores e realizadores — têm saudades do filme mudo... Todos reconhecem grandes defeitos ao sonoro, mas... o filme sonoro é o unico que actualmente existe.

M. J.



Os cigarros que todos os astros do cinema, fumam.

O MAIOR EXITO DE HOLLYWOOD

Concessionarios em Portugal

Soc. Comercial Rebello da Silva, L.^{da}

Rua dos Fanqueiros, 44 — Telef. C. 56 — LISBOA

A Paramount apresenta,

a grande produção sonora de ERNST LUBITSCH

A PARADA DO AMOR

(THE LOVE PARADE)

Filme lírico-romântico realizado nos estúdios da Paramount, na Califórnia

Argumento baseado na peça teatral *O Príncipe Consorte*, de Leon Xanrof e Jules Chanell

Personagens principais

O Conde Renard	MAURICE CHEVALIER
A Rainha Luisa	JEANETTE MC DONALD
Jacques	Lupino Lande
Lulu	Lillian Roth
O ministro da guerra	Eugene Pallette
O Embaixador	E. H. Calvert
O mordomo real	Edgar Norton
O primeiro ministro	Lionel Belmore

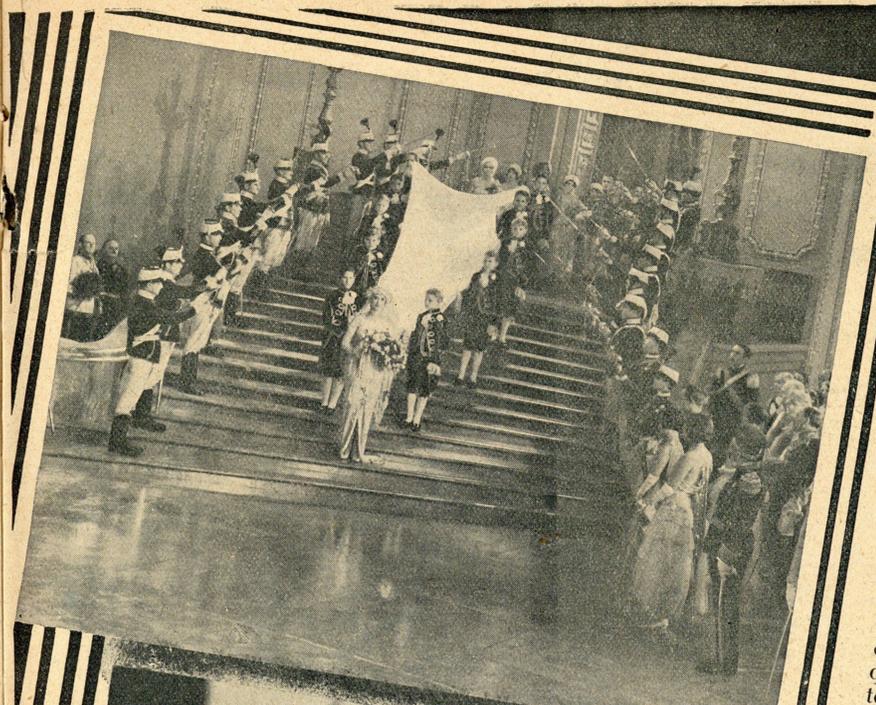
Nobres, diplomatas, oficiais da casa militar, membros do ministério, pessoas do ritual religioso, damas da corte, oficiais, soldados, criados, etc.

Direcção de

ERNST LUBITSCH

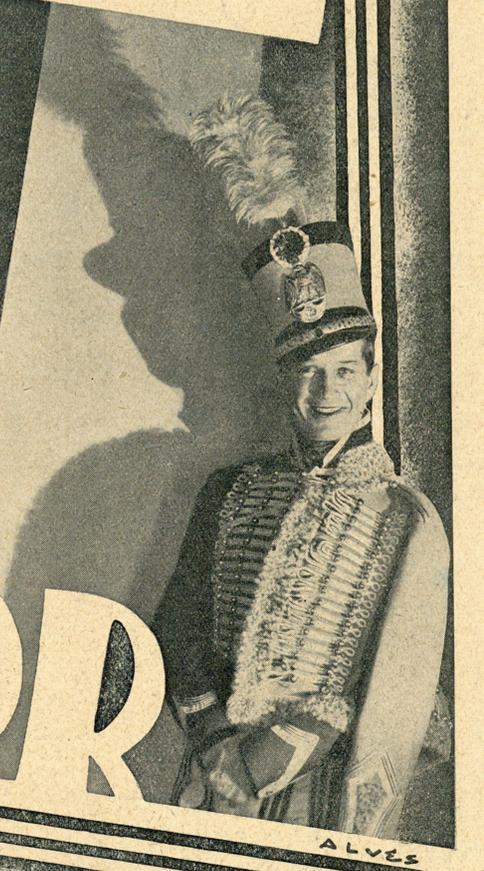
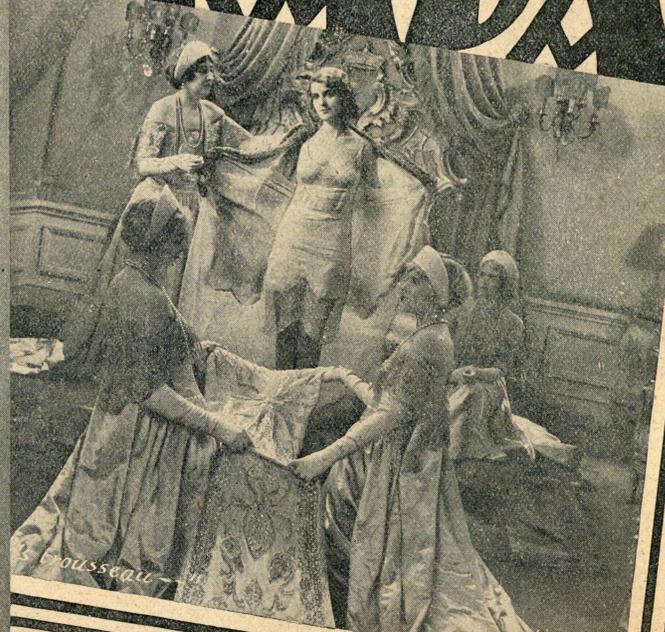
Um grande filme de luxo da

PARAMOUNT



Maurice Chevalier, triunfa na *Parada do Amor*, de canção em sorriso, de gesto em gesto. Parecendo que nos dá tudo quanto possui da sua arte, dá-nos também a impressão de possuir inesgotáveis reservas, pulverizando a interpretação provoca o entusiasmo, ao qual se alheia, pondo, durante a projecção do filme, um sorriso nos lábios de cada espectador.

Jeanette Mac Donald tem, também, neste filme, uma excelente criação. Bela, de uma delicada e expressiva beleza, sóbria de atitudes, sem exageros nem afectações ridículas, imprime á sua pessoa toda a verdadeira majestade de uma rainha, ou, quando simples mulher, todos os encantos de uma sincera enamorada.



A PARADA DO AMOR

ALVES



Bessie Love

Bessie Love

Joan Crawford



Bessie Love



Sally Starr

Edward Nugent



Dorothy Jordan

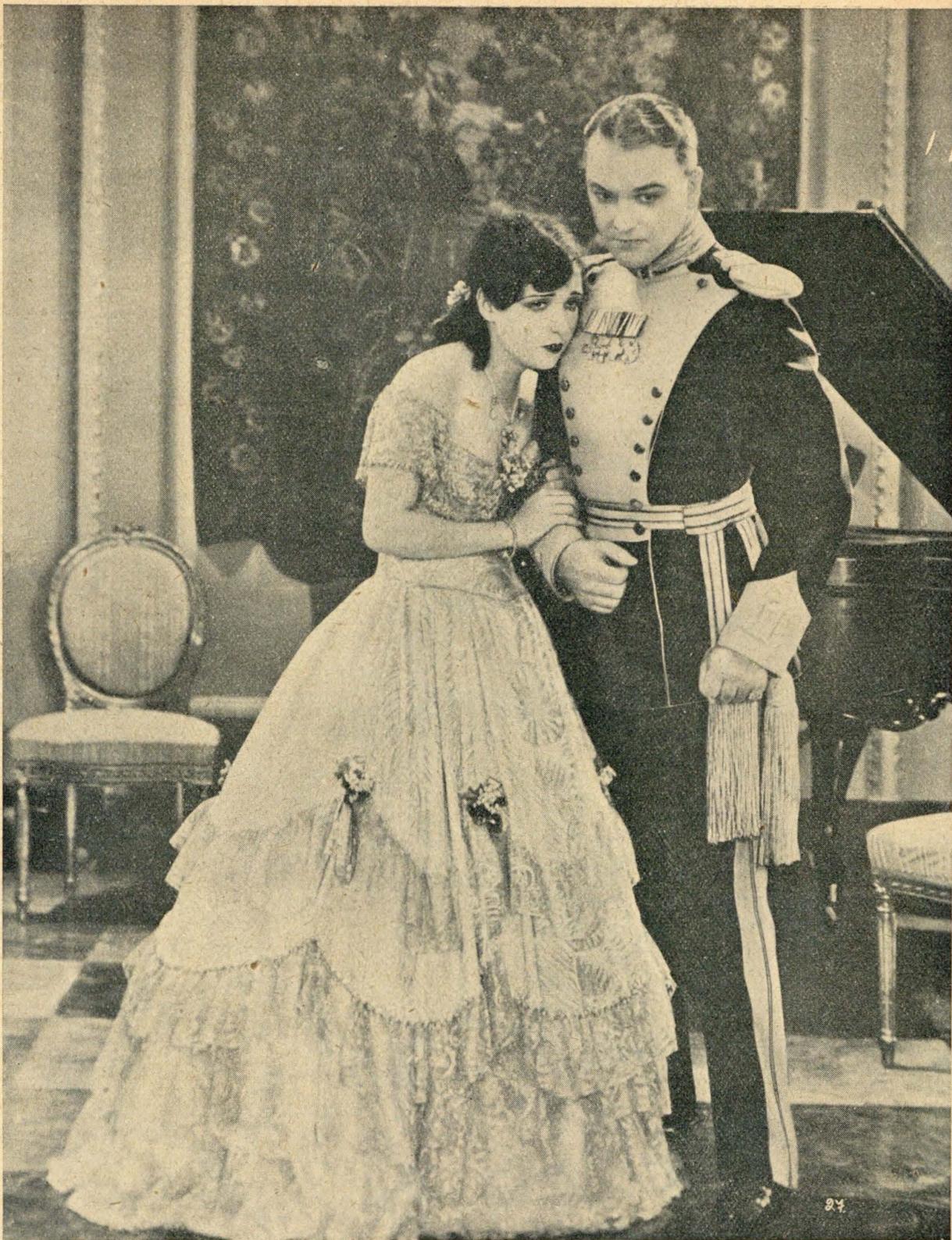
Melodia do Amor

Karl von Arnim, «attaché» militar da legação da Prússia em Paris, recebe provas da infidelidade de sua noiva, a Condessa Diane des Granges, da alta aristocracia francesa. Justamente revoltado, Karl declara-lhe preferir antes casar-se com uma mulher das ruas do que como uma tal condessa. Desejando vingar o insulto, Diane manda chamar Finot, camareiro-mór do imperador Napoleão Terceiro, sobre quem exerce grande influência. Expõe-lhe os seus planos de obrigar Karl a desposar uma cantora da mais vulgar taberna de Paris. Finot objecta-lhe a baixaza de tal procedimento, mas acaba cedendo ás instancias da perversa condessa. No cabaret «Chien qui fume», Nanon é um numero sensacional. Filha da Andaluzia, ela arrebatava com suas canções regionais, onde vibra todo o ardor, todo o «salero» da sua raça de trovadores. Finot entusiasma-se com a rapariga, e, sob promessa de muito dinheiro, obtém que ela se preste á brincadeira... de conquistar certo rapaz da alta sociedade.

Nanon é levada para o apartamento de Diane, onde deverá receber as mais completas lições da etiqueta mundana. Pouco tempo depois a condessa abre os seus salões, onde Nanon, agora chamada mademoiselle La Piava, deverá estender a rêde dourada dos seus encantos para o tenente Karl von Arnim. No borborinho daquela reunião elegante, Nanon é apresentada a diplomatas, de todas as idades e feitios... A idéa de que qualquer daquêles tipos exóticos seja o cavalheiro que lhe está designado, fá-la tremer de medo. Ao meio da festa, Mademoiselle La Piava mostra a sua linda voz, cantando uma romantica e suave canção dos seus tempos de infancia. Ao terminar, com as palavras «Amo-te», Nanon depara com um elegantissimo oficial a fitar-lhe os olhos enternecidamente...

Segue-se a apresentação e, com alegre surpresa, a rapariga das ruas vem a conhecer aquêle que deveria tornar-se vítima dos seus encantos.

Karl sente-se apaixonado e, dias depois, pede a Nanon que o aceite por esposo. Esta, porém, soubera por Finot os motivos baixos que haviam levado Diane áquela



William Boyd e Lupe Velez, em duas scenas do filme
«Melodia do Amor»



«brincadeira», e sentindo nascer no seu coração um sincero affecto pelo elegante official, recusa-se a aceitar o nome que elle lhe oferece, tão apaixonadamente.

Desapontado, sem comprehender a razão daquela recusa, Karl retira-se, deixando, porém, nas mãos de Nanon uma rosa, para que ella lha envie, se algum dia mudar de opinião.

Diane, mais tarde, consegue persuadir Nanon a aceitar a proposta de Karl, prometendo-lhe jámais divulgar o seu passado. Para comemorar o contrato de casamento, a condessa oferece um grande banquete. Ao entrar no salão onde se encontram as figuras mais representativas do mundanismo parisiense, Nanon depara com a orquestra do cabaret. Diane, perversamente, convida-a a cantar a «Melodia do amor». Comprehendendo o embuste em que caíra, a rapariga levanta-se resolutamente, e, dirigindo-se aos seus antigos companheiros, pede que a acompanhem. As ultimas notas estrangulam-se-lhe na garganta, e Nanon, semi-desfalecida, cai nos braços do bondoso papá Pierre, proprietário do «Chien qui fume».

Diane, dirigindo-se a Karl, com um lampejo de ódio no olhar, diz-lhe:— «Veja como são velhos camaradas». Em seguida, tomando da sua rica bolsa alguns bilhetes de mil francos, atira-os a Nanon, em pagamento do papel a que se prestara.

Lisboa, dentro em pouco, assistirá a este extraordinário filme, distribuído pelo casa Castelo Lopes, Limitada.

ONTEM E HOJE

Desenhos de BOTELHO

Por JOÃO TORRES DE CARVALHO

Muitos anos havia já que as duas amigas se não viam. Uma, Helena, cheia de toucados e rendas, cabeleira empoada, imitava um quadro de Rafael ou de Watteau. A outra, Maria, de plissados e tules, cabelos curtos, uma caricatura de Negreiros ou de Botelho. Naquêl dia, tinham sido convidadas a assistir ao baile em casa da marquesa de... Chegaram ao mesmo tempo. Helena, desce cautelosamente o degrau do seu riquíssimo côche, conversando, baixinho, com a dama que a acompanha. A outra, salta de um taxi «palhinha», chamado propositadamente para a levar a casa da senhora marquesa. Falava alto e ria ás escancaradas. Era preciso que todos a vissem. Parecia querer dizer: «Afastai-vos, ó gentes, deixai passar Sua Excelência o Modernismo!...».

No limiar da enorme escadaria as duas amigas encontram-se. Dificil foi reconhecerem-se. Helena, por fim, quebra o silêncio.

— Como estás mudada! — diz-lhe. Ao que a outra responde: — E tu? Com essa cabeleira enorme e tão exageradíssima e incómoda «toilette», não te reconhecia.

Helena — Depressa te esqueceste de mim, ingrata.

Maria — Não. Esquecer, não me esqueci. Os tempos é que são outros. O «roulement» da vida. Tive de acompanhar a moda.

Helena — A moda!

Maria — Sim, a moda. Hoje vive-se. Outrora, nos teus tempos, vegetava-se. Deus me livre de voltar ao antigo.

Helena — Falas assim porque ignoras o viver do meu tempo.

Maria — Ora escuta. Diz-me se não tem alegria e entusiasmo o «fox-trot» que o «Jazz-band» está tocando?

Helena — «Foxtrot»? «Jazz-band»? Que queres dizer com isso?

Maria — Pois quê, ignoras? E' a dança, a musica moderna.

Helena — O que é feito então das valsas, minuets e pavanais? Daquela musica deliciosa e de harmonia que me deleitava tanto?

Maria — Ai, minha filha, tudo isso passou á história. Então crês que haveria hoje alguém capaz de suportar essas dansas idiotas e as musicas de adormecer meninos, de Beethoven, Haydn, Mendelssohn, Chopin, etc., etc.? Ninguém, minha Helena.

Helena — Não digas isso. E' uma blasfemia. Quanta melodia não tem a musica desses grandes compositores.

Maria — E' porque não sabes o que é um «jazz-band». Tu serás, talvez, capaz de o apodares de orquestra de doidos, mas para mim, o «jazz» tem vida, alegria, entusiasmo. Vais ter ocasião de ouvir. Vamos subindo, para mais depressa te certificares como tenho razão no que afirmo.

Helena — Vejo tudo tão mudado, que me sinto acanhada. Informa-me um pouco mais e depois subiremos. Ora diz-me: Que epidemia houve que obrigasse todas as mulheres a cortar o cabelo?

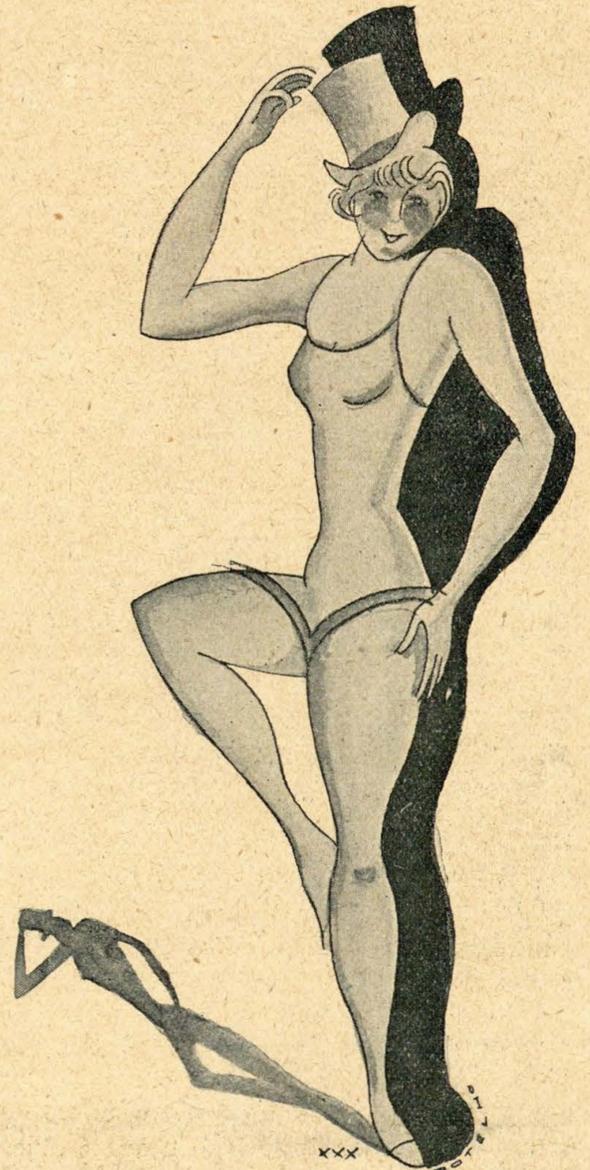
Maria — Tonta. Nenhuma. E' o progresso, a higiene. A mulher assim tem «charme», outra graça, faz-se mais bela, mais sedutora, mais irresistível.

Helena — E as saís tão curtas, os colos tão despidos e os braços tão nus?

Maria — Porque todas nós acabamos por compreender não ser justo ocultarmos o que de mais belo temos e que mais pode provocar a admiração e o nosso orgulho.

Helena — Ainda uma pergunta. Como se ama, agora?

Maria — Ai tens uma resposta complicada. Ama-se com aproximação. Nos teus tempos, bem sei, metia serenatas, uma dama velada que surgia temerosa por detrás de persianas, etc. Mas tudo isso acabou, felizmente. Hoje, ama-se dois dias depois



do primeiro encontro. Casa-se sete depois, e divorcia-se aos quinze. Torna-se a casar aos trinta, volta a divorciar-se...

Helena — Suspende, suspende. Que horror! Deves exagerar.

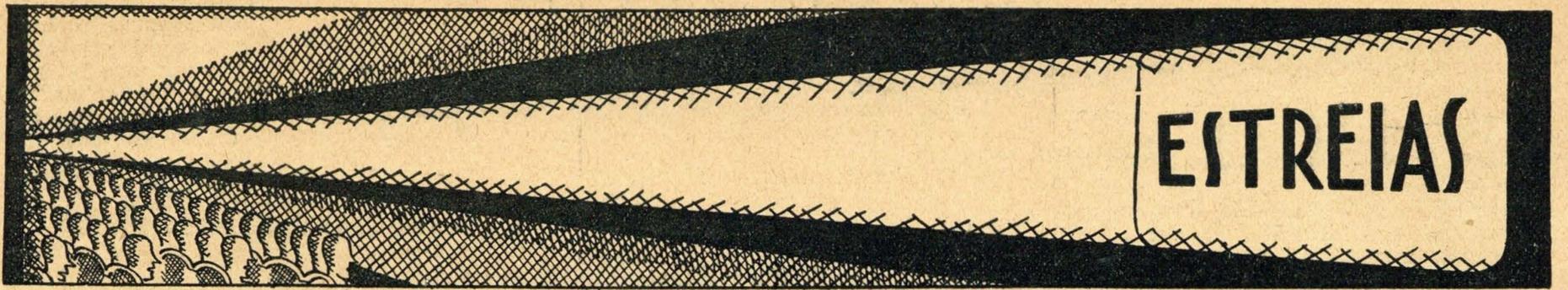
Maria — A mulher, com o progresso, deixou de ser aquêl «bibelot» engraçado e delicado imitando «biscuit» ou Saxe...

Helena — Estou estupefacta perante as tuas afirmações. Como tudo é diferente! Rir, despreocupações do dia de amanhã. Que sei eu?! Uma vida apática e latente. As mulheres da nossa terra, que são tão belas, tão deliciosas, tão ternas, consentirem que a sua linda cutis fôsse maculada pelo grosseiro «baton», e que os olhos admitam outro brilho que não seja o seu, o verdadeiro, que as faz outras, e não elas, fazem-me pena, crê. Como estão diferentes, como estão diferentes... Sobe, vai, diverte-te, não posso acompanhar-te.

Maria — Porquê, minha velha amiga?

Helena — Porque... porque... Eu sou antiga e tu moderna. Adeus. — E, apressada, alcança a saída, receosa de ser tentada pelo modernismo, com que ela, talvez, intimamente concordara, enquanto a graciosa Maria sobe, pressurosa, o resto dos degraus que a levam aos salões da senhora marquesa, que «Madame La Mode» já havia seduzido.





ODEON, Abril, 2.

Caras Esquecidas. — Produção Paramount, cujo entreccho consegue interessar, realizada correctamente por Victor Schertzinger.

Desempenham-na Clive Brook, que foi superior em algumas passagens, William Powell, Mary Brian e Olga Baclanova, que não desmancharam o conjunto.

A fotografia, boa.

Sonhos de Grandeza. — Confessamos, este filme reconciliou-nos um pouco com Menjou, que, ultimamente, vinha apresentando umas interpretações muito iguais e monótonas. Sem que, desta vez, o seu trabalho assombre, a sua actuação é sensivelmente superior.

O enredo, já explorado, foi aproveitado com felicidade.

D.

POLITEAMA, Abril, 3.

José do Telhado. — Cinegrafia já se referiu a esta produção da Lupo-Film no seu numero extraordinario do Natal. Faremos, pois, apenas umas ligeiras notas criticas. Mas antes de o fazermos, sejam-nos permitidas umas leves considerações.

Em Portugal, país de magnificos recursos naturais, não existem, nem grandes estúdios, nem grandes interpretes, nem grandes capitais. Ainda o cinema não foi olhado com a consideração devida, pelos poderes publicos, pelos financeiros e mesmo pelos intellectuais — salvo rarissimas excepções. Não obstante, há quem teime, quem insista em fazer qualquer coisa. E tem-se feito qualquer coisa. Uma a uma, as produções nacionais vão aparecendo. Pobres, como não podiam deixar de ser, uma vez que a ausência de todos estes factores indispensaveis as desajudam. Mas pior que a míngua de elementos, tem sido a falta de visão daqueles que as dirigem. De facto, quando se não disponha de capitais avultados, de artistas á altura, e de estúdios bem apetrechados, tudo indica que a obra a realizar seja modesta, sem grandes pretensões. Um bom argumento, singelo, e uma curta metragem seria o indicado. Tal não tem acontecido. Os nossos filmes são quasi sempre de metragem exagerada, e os argumentos...

José do Telhado não foge á regra. Catorze partes estiradas, não encontram compensação na boa fotografia e nos bons exteriores que possui.

A planificação e a montagem são infelizes, de forma que as scenas aparecem, por vezes, soltas e sem sequéncia, arrastando-se demasiadamente e prejudicando toda a acção.

O desempenho também não agrada. Carlos Azedo tem recursos, mas não encarnou como convinha o papel de *José do Telhado*. Devia ter sido mais voluntarioso e menos convencional. A caracterização não o ajudou. Julieta Palmeira, também mal caracterizada, procurou acertar e conseguiu-o um pouco. Maria Emília Castelo Branco, num papel difficil, defendeu-se. Aida Lupo, deu uma nota de leveza e graciosidade, prejudicando-se alguma coisa por exagerar. Os grupos de figurantes foram dirigidos com pouco acerto.

Boneste

ROYAL-CINE, Abril, 5.

Desnecessário se torna encarecer a importancia da estreia, em Portugal, do filme

sonoro. Caudais de tinta têm corrido, quer fazendo a apologia apaixonada desta nova modalidade de cinema, quer no ataque violento dos que negam a esta inovação qualquer valor.

Sempre na retaguarda do progresso, mais uma vez fomos dos ultimos a poder ajuizar das razões de uns e de outros.

Mas, mais vale tarde que nunca!

A' empresa do elegante salão bairrista, que teve o arrojo de apresentar a custosa inovação, as nossas felicitações.

Agora que a legítima curiosidade está satisfeita, agora que *vimos* e *ouvimos* o filme sonoro, já podemos dizer algo de nossa justiça.

Não obstante, é ainda sob reserva que o fazemos, pois que, em assunto de tanta monta, qualquer referência se reveste de particular importancia e gravidade, que convém não esquecer.

As grandes empresas produtoras americanas, dedicam hoje o maior e o melhor do seu esforço na confecção de películas sonoras e faladas. As da Inglaterra, Alemanha e França, seguem-lhes na peugada, avassaladas pela vertigem. O que virá?

Nada nos move contra o cinema sonoro — embora descreiamos do falado — e julgamo-lo susceptivel de grandes aperfeiçoamentos. Mas tal como elle foi apresentado na estreia, não nos convence.

Sombras Brancas, um belo filme — belo pela realização, pelo argumento, pela fotografia e pelo desempenho — nada teria perdido se tivesse sido apresentado mudo. Pelo contrario, se em vez do irritante *frigir* que se ouve no intervalo da audição dos seus discos, existisse um bom acompanhamento de orquestra, quanto teria ganho!

A parte mais fraca deste sonoro é a sua própria sonoridade; tão fraca que mal merece referência. Até dá vontade de exclamar: Que pena não ser *mudo*!

Não acreditamos que esta seja a ultima palavra do que já há feito sobre sonoros. Se assim fôsse, só nos restava aguardar que a sua técnica se aperfeiçoasse a ponto de poder interessar a arte do claro-escuro animado.

Completa o programa, um Diário Sonoro e canções. Destas, as mais interessantes são as de *The Revellers*. A sincronização é quasi perfeita.

San

CENTRAL-CINEMA, Abril, 7.

O Sinalzinho Preto... — Lilian Harvey conta inumeros admiradores, e o seu nome é segura garantia de um bom cartaz.

São já bastantes os filmes em que a sua graça e o seu talento tem brilhado, com inteiro agrado do publico.

Nesta graciosa comédia da Ufa, mais uma vez se lhe ofereceu ensejo, para, ao lado de dois outros bons actores — Willy Fritsch e Harry Halm — nos mostrar as suas grandes qualidades de artista.

Valoriza também este filme uma boa realização de Johannes Guter.

Quem teve a culpa?... — Não é impunemente que o tempo passa sobre os filmes, porque estes, como as mulheres, perdem em formosura o que ganham em idade.

Se esta produção tivesse sido apresentada alguns anos atrás, a impressão de desagrado que deixaria, não seria tão grande.

... E assim, um filme que reúne o nome de dois grandes actores da tela — Jannings e Conrad Veidt — é, apenas, uma coisa in-

significante, mercê duma realização antiquada e de um argumento infeliz. A fotografia, irregular.

San

SÃO LUIZ-CINE, Abril, 8.

Escrava do Luxo, é um filme ao qual se assiste com agrado. Tem umas scenas interessantes e sentimentais.

Os interpretes, Irene Rich, Andrey Ferris, John Miljan, Holmes Herbert e Carroll Nye, muito bem, sem exageros.

Fotografia, um pouco irregular. Muito má, por vezes, nos «grôs-plans». Legendas, correctas. Orquestra, muito bem.

T. C.

CONDES, Abril, 8.

Paris Girls é um filme que tem a valorizá-lo o desempenho brilhante de Suzy Vernon. Tem um argumento banal, um fiozinho de sentimentalismo, e é tudo; ei-lo:

Num velho palacio do «faubourg» St. Germain, em Paris, vivia, antes da guerra, a ex-bailarina espanhola, V. Violeta, actual marquesa de St. Affremont, com sua filha e genro, os barões de Ryons.

Festejava-se, naquela noite, o 68.º aniversário de Violeta, e a imperatriz Eugénia viera felicitar a sua velha amiga e patricia.

Num dos salões, Margarita Rodrigues, orfã espanhola, afilhada da marquesa, Gisela e Roberto de Ryons, seus netos, formavam, com alguns, amigos, um grupo á parte.

— «Eu aprendi a dançar com a madrinha — diz Margarita — querem vêr?». E, saltando para cima de uma mesa de bilhar, pôs-se a dançar um «can-can» endiabrado. De repente, a porta abre-se, e os convidados da marquesa, acompanhando a imperatriz, irrompem pela sala. Escandalo, ralhos, lágrimas... Mas o incidente teria esquecido se uma hora mais tarde a baronesa não viesse encontrar Margarita nos braços de seu filho Robert. Margarita, atordoada com as constantes repreensões, foge de casa.

Alguns anos mais tarde, desembarcam em França, vindas de Nova York, as Paris-Girls, grupo de jovens americanas que vêm á conquista de Paris. A sua «captain» é Margarita, que conseguiu vencer á força de trabalho e persisténcia. O antigo idílio com Robert recomeça.

Mas a invejosa Edith, segunda «captain» do grupo, procura por todas as maneiras abater a sua rival.

Odios, intrigas, malquerenças... Margarita, cansada de suportar as infamias de Edith, fere-a com um sabre, marcando-a na face para sempre.

As Paris-Girls voltam para a América. Margarita vai ser, finalmente, feliz.

Cyril de Ramsay e Danièle Parola, muito correctos.

Realização, de Henri Roussel. Fotografia, boa. Legendas, correctas, de D. Maria do Vale.

Taxi! Taxi!, completava o programa. Uma comédia ligeira com o bom desempenho de Marion Ninon e Edward Horton.

Fotografia, boa. Legendas, boas, de D. Maria do Vale.

Orquestra, bem, durante todo o espectáculo.

T. C.

A *Boceta de Pandora*. — Sômos partidários decididos dos argumentos feitos propositadamente para a tela.

Um grande realizador como Pabst, e um bom livro de Franz Wedekind, não chegam para produzir uma razoavel obra no cinema.

Livros há que vivem exclusivamente da prosa e das considerações dos seus autores, e difficilmente suportam o transporte para a realidade objectiva do cinema.

Neste filme, o próprio espírito da obra foi perdido, metamorfoseando-se um temperamento de mulher, complexo e apurado, numa pobre rapariga, mais fatalista que fatal, sofrendo estoicamente os golpes do destino.

Louise Brooks, artista de comprovado talento e grandes recursos naturais, emprestou todo o encanto da sua mocidade e do seu sorriso, a um papel que ás suas faculdades não calhava.

Os próprios pormenores com que se pretendeu fazer realçar o seu poder de sedução, por bruscos e mal preparados, desviam a atenção da linha geral do entrecho e resultam quasi que incompreensíveis.

Fritz Kortner, pelo contrário, viveu o

ESTREIAS

seu personagem e deu-lhe com sobriedade o destaque que merecia.

A realização, como todas de Pabst, muito boa.

Fotografia excelente.

Boneste

CONDES, Abril.

Os Amores do Arquiduque. — Alexander Korda realizou por forma aceitavel este filme da First National.

Clive Brook, actor de recursos, que nem sempre tem sido feliz nos papeis que tem desempenhado, interpretou aqui, com propriedade, um arquiduque enérgico e autoritário, para quem as mulheres apenas têm o valor dum ligeiro passatempo.

Billie Dove, em quem mais admiramos a beleza do que a arte, conseguiu, agora, agradar-nos.

Em conclusão: um filme razoavel, que se vê sem enfado.

Boneste

ODÉON, Abril, 9.

Patsy é um filme, extraído da comédia com o mesmo título, de Barry Connors; um

dos muitos casos que todos nós conhecemos, paredes meias com a nossa casa, o nosso vizinho do segundo ou do primeiro andar. A predilecção especial da mãe pela filha mais velha, preterindo o marido e a filha mais nova, até que um dia vem em que o *pater-familia* assume o seu verdadeiro lugar, pondo tudo nos eixos.

Marion Davis, desempenhou com muita graciosidade e correcção o papel que lhe coube da filha preterida, a Patsy.

Lawrence Gray e Owille Caldwell, muito bem.

Realização, sem dificuldades, de King Vidor. Fotografia, boa. Legendas, com espírito, de Chagas Roquette.

O *Idolo de Barro* era um outro filme do programa. Uma comédia americana com situações bastante cómicas, que provocam o riso.

Lew Cody, Ailen Pringle e Bert Roach, muito bem.

Legendas, bem adaptadas, de Chagas Roquette. Fotografia, boa.

Orquestra, muito bem.

T. C.

A falta de espaço — contra a nossa vontade — obriga-nos a transferir para o próximo numero as noticias das estreias do Politeama, Central-Cinema e Tivoli.

VELOUTY DE DIXOR

Paris



PETIT TUBE
POUR LE SAC



GRAND TUBE



POT

**Para o decote
Para o pescoço
Para os braços**

Grangeia um ave-ludado mais di-fano e duradouro

Não mancha. Não engordura. Substitue com vantagem quaesquer pó de arrós e cremes.

Côres; Branco natural, marfim, ocre.

Tubos a 2\$50,
6\$50 e 9\$50.

A quem pedir indicando esta revista, mandar-se-ha uma amostra gratuita da côr preferida.

Pedir aos agentes
JULES DELIGANT, L.da
Rua dos Sapateiros 15 — LISBOA



John Gilbert e Ina Clair, na sua viagem de nupcias, incluíram o projecto de visitar algumas cidades da velha Europa mas o tempo de que dispunham não lho permitiu. No seu projecto, que não puseram de parte incluíam uma visita a Lisboa, tendo já solicitado que lhe reservem aposentos no Hotel de Inglaterra.

Feito



COM MARGARINA VAQUEIRO!!

RAMON NOVARRO

Apreciado por ORITA LAGE

Estamos de novo visitando a grande cidade, empório de mulheres encantadoras — Hollywood. Desta vez vimos, especialmente, com o fim de vêr o grande e simpático «astro» que tantos triunfos tem alcançado na tela cinematográfica.

Ramon Novarro de hoje não é o mesmo de alguns anos atrás. O inspirado jovem de *Ben-Hur* converteu-se num intrépido e alegre aventureiro de olhos buliçosos e de voz insinuante e conquistadora. Ramon Novarro da tela é o mesmo Ramon na sua vida privada. Costuma jogar «bridge», nos intervalos dos ensaios, com os jogadores mais peritos, artistas, directores ou electricistas. Com o sentimento que lhe inspira a recordação da sua pátria, canta, tocando êle próprio o violão, aquelas deliciosas canções de amor mexicanas.

Fômos encontrar Ramon Novarro no restaurante do estudio, sentado numa das muitas mesas e comendo uma refeição vegetariana. Ele não nasceu para estar sentado, ali, no meio de todo aquêl barulho de louças e talheres, comendo vagens e cenouras num prato decorado a tinta azul e branca. Nasceu para andar montado a cavalo, ao lado de Sir Galashad, vestido com uma cota de malha, ou então para se inclinar sôbre um altar de pedra, com vestimentas sacras.

Tem um tal aspecto místico, santo ou parecido com um dêsses antigos cavalheiros das Cruzadas, que o povo resolveu que êle fôsse conforme correu a lenda. O traço comum não vai muito bem com o perfil de Ramon, isto enquanto êle não começa a falar. Quando ergue a vista com aquêles olhos buliçosos, e quando ri, com aquêl sorriso que tem alguma coisa de prosaico, não é já o mesmo personagem de aspecto santo ou místico, mas sim um rapaz encantador, que fala um inglês perfeito, com um leve acento latino que o torna ainda mais encantador.

— Qual é o tipo de mulher que aspira? Tem alguma preferência? — Arriscâmos a pergunta.

Os olhos vivos de Novarro, fixaram-se nos nossos com um ar de riso, e sentimo-nos envergonhados de ter deixado escapar aquela pergunta.

— Como é possível ter-se um ideal da mulher que se vem a amar? — respondeu êle, sorrindo. — Como poderei adivinhar se vou amar uma loura ou uma morena, alta ou baixa. Nunca se deve pensar coisa alguma neste mundo; tudo sai, geralmente, ao contrário. Quando eu tiver a dita de amar alguma mulher, será essa então, o meu tipo ideal. Hoje, posso enamorar-me de uma loura de olhos azuis; amanhã poderei preferir uma morena de olhos pretos. Repentinamente, posso convencer-me que o meu ideal era uma morena que tenha os olhos negros como azeviche.

Por alguns instantes Ramon ficou muito sério e, decorridos minutos, continuou:

— Não tenho tempo agora para pensar em amores. — E brilhou, novamente, um raio de malícia nos seus lindos olhos. — Trabalho o dia todo no estudio e passo

dansas, e ás noites trabalhava. Não tinha tempo nem dinheiro para ir a qualquer divertimento.

Actualmente, Ramon Novarro, mora nu-



as noites em casa, decorando o que devo dizer no dia seguinte, e estudando música. Não tenho tempo para diversões.

Há dez anos, Ramon carregava com bandejas cheias de pratos, num dos muitos restaurantes automáticos de Nova York. Naquela época, passava os dias estudando

ma grande vivenda, num dos bairros mais elegantes de Los Angeles. Nesta residência leva, com a sua família, uma vida absolutamente oposta á cinematográfica, e entre o trabalho e o estudo encontra, de vez em quando, algum tempo para se divertir.

USE PILOL

Remédio infalível contra a **Caspa,**

Queda do cabelo

e **doenças** que **originam a calvicie**

SÓ A EXPERIENCIA CONVENCE

Frasco grande 15\$00 — 1/2 frasco 11\$00

Deposito geral: LABORATORIOS DAVITA — Rua Eugenio dos Santos, 81 — LISBOA



MARIA DO MAR

Maria do Mar, a realização de Leitão de Barros, o primeiro grande filme português, com entreccho, vai ser projectado em Lisboa, na primeira quinzena do próximo mês de Maio.

A Sociedade Universal de Super-Filmes, L.da, (S. U. S.), a casa produtora e distribuidora dêste filme, não se poupou a esforços para que esta produção nacional resulte a mais brilhante que hoje tenha corrido nos cinemas da capital.

Rosa Maria Monteiro e Oliveira Martins, são os intérpretes principais.

Qualquer dêles demonstrou claramente, durante a confecção do filme, as suas extraordinárias aptidões para a arte do silêncio; daí o bellissimo desempenho de *Maria do Mar*, onde as scenas de vida e amôr têm uma tal perfeição de detalhes que podem dizer-se verdadeiras e insofismaveis.

Num intervalo de filmagem: Leitão de Barros entre Rosa Maria e Oliveira Martins

ANIVERSARIOS

A *Invicta Cine* completou, com o n.º 67, sete anos de publicação. Os nossos cumprimentos e o desejo de uma longa vida.

Os Ridículos passaram mais um aniversário. As nossas felicitações cordealísimas. Vinte e cinco anos de vida jornalística, em permanente humorismo, revela um esforço que nos leva a querer assistir ás bôdas de ouro do nosso presado colega *Os Ridículos*.

METRO GOLDWIN MAYER

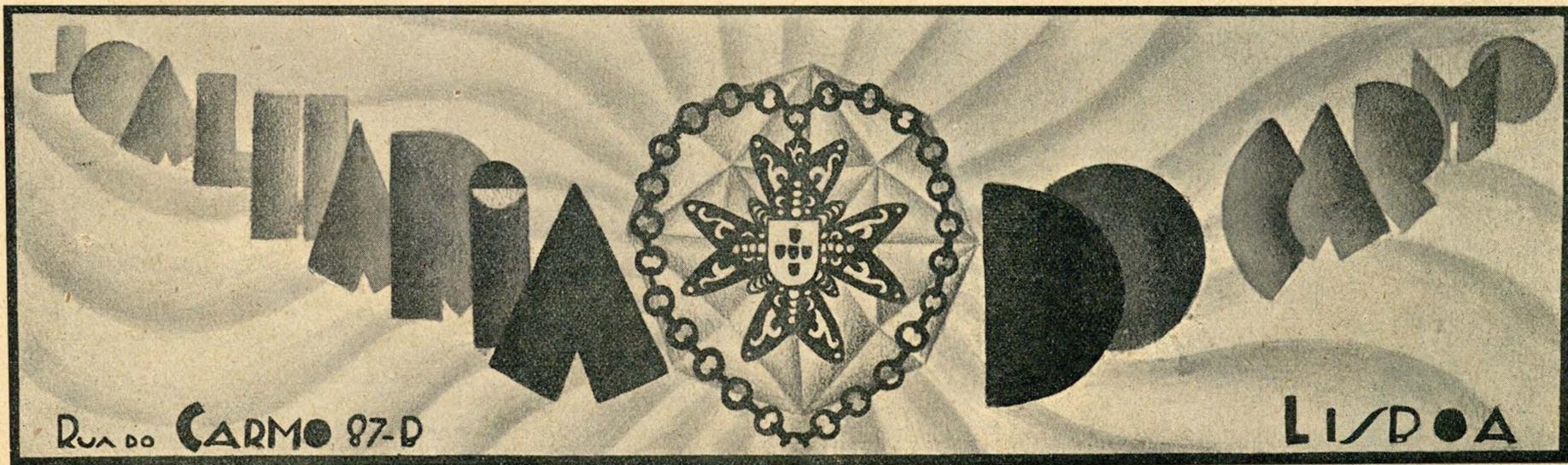
Partiu para Paris o sr. J. Bru Ballester, gerente dos negócios desta importante companhia em Portugal, a fim de assistir á convenção internacional anual, presidida pelo sr. Arthur Loew, vice-presidente desta poderosa organização cinematográfica. O sr. Ballester tratará ali directamente com o sr. Loew sôbre a produção sonora para Portugal, na próxima temporada.

CORRESPONDENCIA

E

INDICE ALFABETICO

Por absoluta falta de espaço fomos forçados a retirar, neste numero, estas duas secções, do que pedimos desculpa aos nossos presados leitores. Publicá-las-hemos no próximo numero.



A GUERRA

Joan Moran é, na sua pequena cidade, a jovem mais em evidência, vivendo para o *flirt* e para a dança, sem outras preocupações do que os prazeres fúteis da existência.

A notícia da guerra abala o mundo. O próprio coração leviano de Miss Moran não deixa de impressionar-se com esse acontecimento. Refletindo na obscuridade da sua pessoa, Joan vê na luta titanica em que se empenham os povos, uma oportunidade para realizar alguma coisa que traga certa projecção de notoriedade sobre a sua pessoa. A influência política de um tio permite alistar-se entre as forças que partem para o velho continente.

Reggie Van Ruyper, noivo de Joan, jovem, elegante e rico e Tom Pike, modesto proprietário de uma garage, fazem parte da primeira leva de soldados. Joan, que amando Reggie troçava da sincera afeição que lhe dedicava Tom, surpreende-se ao saber em França que este já se tornara um veterano da guerra, enquanto seu noivo levava uma vida confortavel, longe da linha de fogo.

O trabalho que lhe estava reservado no «front» era bem diferente da missão que havia sonhado. Por um instante Joan pensa em regressar á sua terra. Preferível do que servir de criada aos soldados. A idéia, porém, dos motejos com que seria recebida na sociedade do país natal, fá-la enfrentar decididamente as duras provações que a aguardavam. Tom Pike, promovido a capitão, encontra-se na mesma vila. Ao defrontá-lo, Joan sente a transformação que se operara no modesto garagista, agora um verdadeiro heroi, glorificado pelos horrores da maior das lutas. Vivendo uma vida bem diferente, garantida pela cómoda posição de sargento dos abastecimentos, Reggie acompanha, tambem, a divisão do capitão Pike, sem sobressaltos nem preocupações. Ao vêr sua noiva entregue a tão penosos trabalhos, êle procura convencê-la a partir para outra localidade da França, onde esteja ao abrigo de tamanhos sacrificios. Joan, que vira agora o exemplo de outras mulheres dedicadas ao serviço da Pátria, recusa em aceder ás suas insinuações.

Um toque vivo de clarim, ferindo os



Eleanor Boardman numa scena do filme "A Guerra,"

Edmund Burns e Eleanor Boardman



ares, põe em alvoroço a pequena vila. E' a ordem de reunir para avançar. De todos os lados surgem soldados, os rostos encobertos, qual estranhos mascarados, pelos preservadores de gases asfixiantes. O batalhão inteiro deve partir, e Reggie, que desta vez não poderá furtar-se ao sacrificio sagrado, procura no vinho a coragem que a natureza lhe negara. Joan dirige-se ao seu aposento, para desejar-lhe felicidade, mas ao invéz de um soldado vibrante de entusiasmo, encontra apenas um ébrio. Em vão ela tenta fazê-lo voltar á consciência dos seus deveres; as suas pernas já não sustentam com o peso do corpo e o cobarde sargento rola pesadamente no chão.

Quando as forças, sob o comando de Tom se põem em marcha, Joan, favorecida pela máscara, encontra-se entre os combatentes. No campo de batalha luta titanica se trava. Sustentada por um heroísmo estranho, a jovem mulher acompanha o assalto ás posições inimigas. A' frente dos seus homens, Tom, calmo, sereno, como se a morte não o preocupasse, dirige as operações. O espectáculo horroroso que a envolve, a atitude admiravel daquêle militar, sempre no posto menos abrigado, como a estimular, pelo exemplo, a coragem dos seus comandados, fazem Joan compreender todo o valor de Tom Pike.

E' assim êste belo filme sonoro, que, em breve, veremos em Lisboa, distribuído pela casa Castelo Lopes, Limitada.

O Cinema falado em varios idiomas

Os filmes sonoros estão criando studios dentro dos studios, em Hollywood. Com a produção de filmes em diferentes idiomas, foram organizadas secções em espanhol, francês e alemão, e os técnicos estão ocupadíssimos em estudar línguas estrangeiras. O mesmo está acontecendo com as «estrelas» e os «astros» que não pretendem perder o seu público.

Nos studios da Metro-Goldwyn-Mayer, a ultima produção de Vilma Banky, *A Lady lo Love*, foi feita em alemão. Jacques Feyder está, actualmente, dirigindo a versão francesa de *Le Spectre Vert*.

Uma bem organizada secção espanhola tem tradutores e escritores de diálogos neste idioma, que preparam as versões espanholas dos melhores filmes falados, visto que os países onde se fala esta língua assumem, depois do inglês, a maior importancia comercial cinematográfica, seguindo-se-lhe o alemão, e depois o francês.

Tão importante foi considerada a produção de *Le Spectre Vert*, em francês, que mandaram chamar André Luguet, o «astro» da Comedie Française, em Paris, a fim de desempenhar o papel de protagonista. Jetta Goudal, Pauline Garon e outros artistas notaveis fazem também parte do elenco deste filme. Os artistas afamados de Hollywood não querem sacrificar o público estrangeiro, e assim estudam diversos idiomas. Lon Chaney pretende fazer filmes em espanhol; Laurel e Hardy, o par inseparavel de cómicos, estão já fazendo as suas comédias em espanhol. Ramon Novarro fala inglês, francês e espanhol.

A tarefa de fazer uma segunda versão de um filme sonoro é quasi tão trabalhosa como o fotodrama original. Todo o manuscrito é primeiramente traduzido na língua requerida, e depois, quem escreve os diálogos, traduz do inglês para o novo idioma. O método de interpretação dos diversos papeis, também é alterado.

Ao imprimir o som, os técnicos, que não conhecem a língua usada no filme, encontram, ás vezes, dificuldades em aplicar a verdadeira inflexão. Entretanto, esta dificuldade está sendo remediada com a presença de um interprete na secção de «regular as vozes», durante a impressão, mas quasi todos os encarregados desse serviço estão começando, também, a estudar os diferentes idiomas. Frank Davis, que tem uma grande experiência na produção de filmes sonoros, diz que, pelo menos, é necessário ter alguns conhecimentos das frases mais usadas na conversação, para editar, correctamente, um filme estrangeiro. Eis o motivo porque são necessários os serviços de um tradutor.

O primeiro artista estrangeiro, especialmente chamado a Hollywood, por causa da sua facilidade nos diversos idiomas, foi o actor francês Luguet. Muitos artistas que se encontram actualmente em Hollywood e que adquiriram uma fama extraordinária nos filmes mudos, estão sendo também utilizados para o filme sonoro.



Os inimitaveis cómicos Laurel e Hardy

*La rare satisfaction d'être bien coifé
vous servá donné par Luigi*

LISBOA

Rua do Carmo, 90 s/loja

Telefone T. 1576

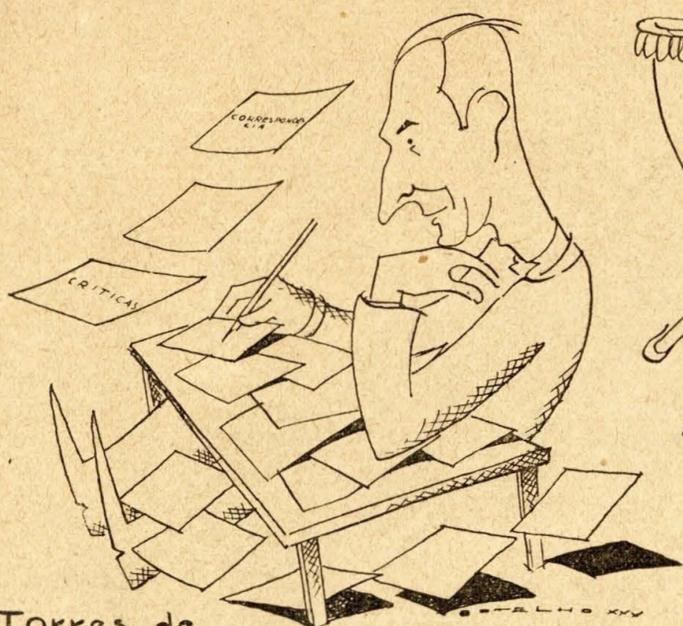
MONTE-ESTORIL

Grande Hotel de Italia

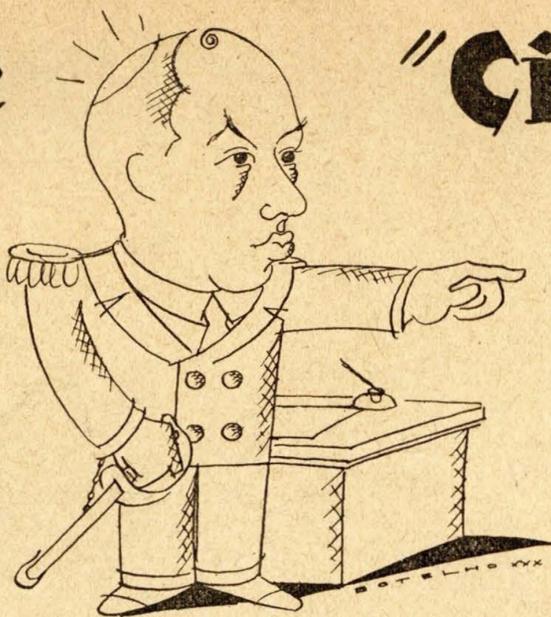
Telefone Estoril 13

Nós... os de

"Cinegrafia"



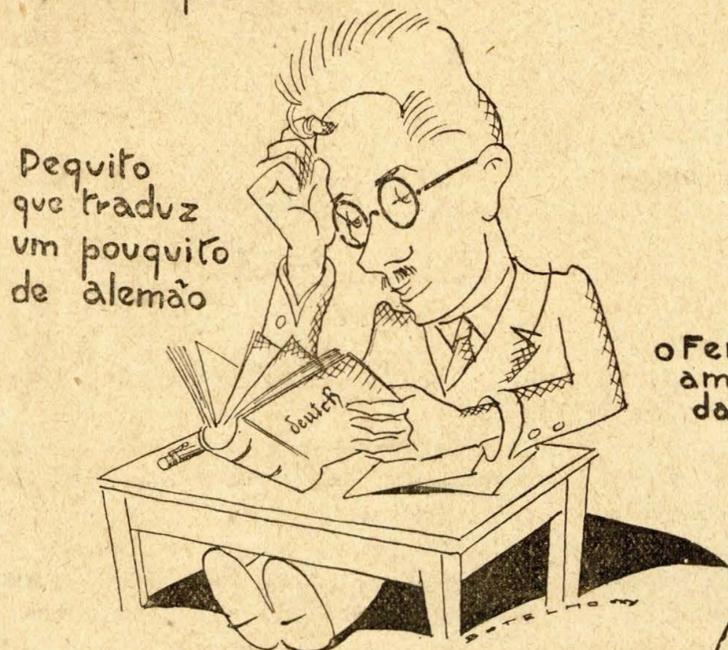
Torres de Carvalho - que recebe torres de correspondência.



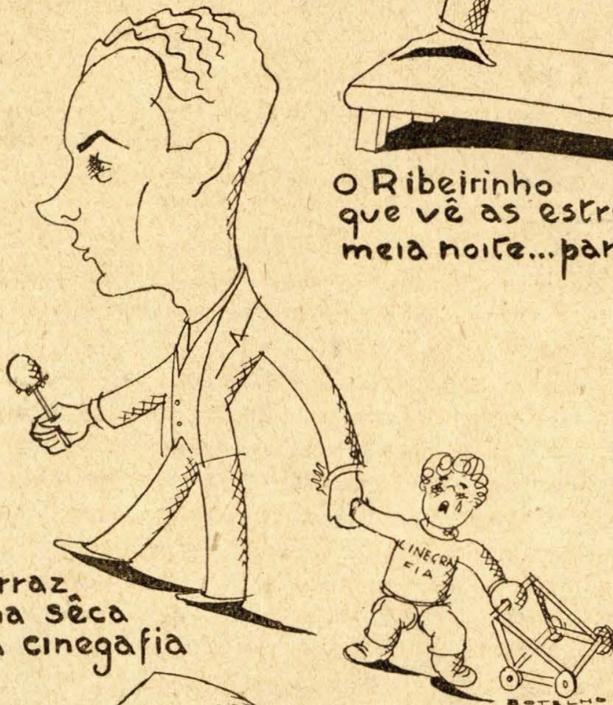
Anselmo o comandante máximo



O Ribeirinho que vê as estrelas à meia noite... para entrevistar



Pequito que traduz um pouquinho de alemão



O Ferraz, ama sêca da cinegrafia



Um... Domingos sem descanso



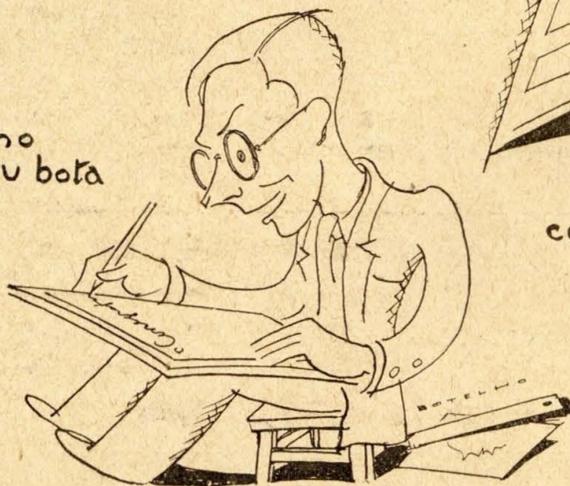
Vicente gravador máximo



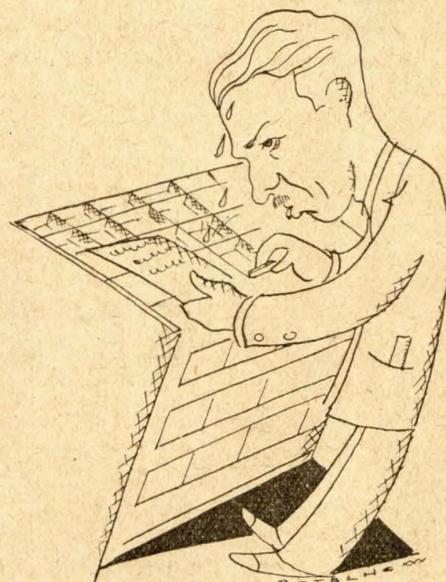
Francisco o contador mor.



João Sã code as notas.



Botelho que deu bota



O Roque com a sua roca

RADIOZCOPIA

CINEGRÁFICA

prosa e bonecos de José Ribeiro dos Santos

Antigamente, Lisboa contentava-se com os velhos cinemas que tinha na Baixa: o Olympia, o Condes, o Central e o Terrasse... E o tempo das fitas de aventuras — com o rapaz, a rapariga e os bandidos — vai longe. A técnica cinematográfica transformou-se, aperfeiçoou-se e as grandes produções de arte foram tomando o lugar dos filmes em séries, de que se via metade numa semana e o resto na seguinte... O público foi, lentamente, compreendendo a transformação e, ao mesmo tempo, admirando-a. As velhas salas de exibição viram o seu lugar de primeira categoria ocupado por outras, outras novas, que vinham sem consideração nenhuma pelos que já estavam...

Lisboa viu-se, assim, pouco a pouco, polvilhada de cinemas elegantes, cómodos, luxuosos — com seu ambiente de civilização.

Esse ambiente dos luxuosos salões da Baixa — desde o Tivoli, que foi uma revolução — é já familiar de todos os leitores e inútil me parece, aqui, a perspectiva do seu aspecto. Mas, para além da Avenida, para além do Chiado, no termo das linhas de electricos que divergem do Rossio, outras salas cinematográficas nos aparecem. Nessas — quasi em todas — não há *premières*, não há o luxo das peles quantiosas, nem o dandismo



do *flirt* de postiço entusiasmo. Mas há uma nota de pitoresco permanen-

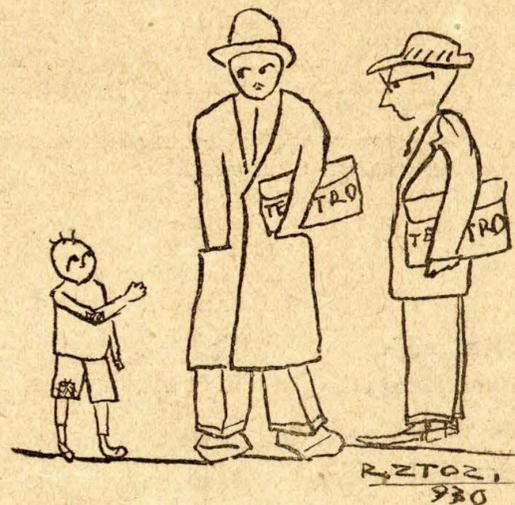
te, um interêsse quasi voluptuoso por certa galeria de grandes silhuetas da tela. Mesmo na Baixa, na babugem dos cinemas novos-ricos, há os cinemas quasi vagabundos, os que transcorrem a sua velhice de pobreza na recordação dos seus dias de felicidade...

Há o Olympia, com o seu público, que tem em Pat e Patachon a cumieira máxima da sua ideologia... Depois, do outro lado, dois passos á direita do que deixou de ser Salão Central para passar a ser Central-Cinema, aquêlê típico Chantecler, que foi um dos grandes precursores das películas faladas... E lá em cima, o Loreto? Conhecem o Loreto, onde se juntam á porta fedelhos entusiastas, que vendem castanhas ou engraxam sapatos, mas que são certíssimos no seu culto á sétima arte?

E por aí fóra... Cabia até, agora, aqui neste sítio, uma linha de reticências... Mas, como eu acho, nesse género de *prosa*, o seu quê de inestético, julgo preferível não a pôr...

Os cinemas dos bairros afastados — esses — têm, realmente, uma feição muito característica... Uma objectiva, que tivesse o mérito de ser... subjectiva, lograria focar aspectos e sentimentos cheios de interêsse e de pitoresco. E' o Cine Tenor Romão, onde se distribuem cachimbos de louça pelos frequentadores; o Salão Ideal, o cine isto, o cine aquilo e talvez mesmo, como se diz na anedota conhecida, o *sine qua non*... Os porteiros envergam a sua casaca carnavalesca com a mesma sem-cerimónia com que os *gatos-pingados* se instalam nas suas lúgubres andainas... Garotos de meio palmo compram a meias um lugar de quinze tostões e acomodam-se os dois na mesma cadeira. De dia andam enervados, saltitantes, inquietos, a amealhar os magros tostões necessários para garantir a entrada...

— Meu senhor, dá-me um tostãozinho para ir ao cinema?...



— Vai-te, diabo! Se pedisses para pão...

... como aconteceu ao meu ilustre amigo dr. Jorge de Faria, distintíssimo crítico de Teatro e atroz inimigo de tudo que cheire a cinema.

Outros gaiatos, cinéfilos e cineastas até á medula que lhes corre na coluna vertebral, conseguem a entrada por meio dos mais curiosos estratagemas. Uns vão para dentro da sala, a tilintar o seu grito infantil de — *Copo com água!* Outros, sob o pretexto de levar qualquer coisa «aquêlê senhor que lá está adiante», entram para só sair no fim da sessão. E por aí fóra... Não tem limites a inventiva incandescente dêsse cérebro pequeninos...

E tudo corre ao som do piano mal afinado, batido quasi desordenadamente, acompanhado ás vezes por um violino que guincha, e sempre pelo assobio da rapaziada alegre que sabe de cór a valsa da *Ramona*...

Mas quê? São assim os cinemas que fugiram da Baixa? Foram! Foram! Vejam agora o Royal, aquêlê salão que há ali na vertente da Graça e que se abalançou a ser o primeiro a fazer *ouvir* as suas fitas.

CIGARROS E PICADOS "WILLIS"

Os melhores do mercado

MASPERO — GOLD FLAKE — THREE CASTLE — PLAYERS — CAPSTAN — LUCKY STRIKE

Peçam tabelas e condições de venda á

CASA HAVANEZA

24, Largo do Chiado, 25 — LISBOA

Como se podem atenuar os incêndios provocados pela inflamação das películas cinematográficas

O desastroso e trágico incêndio do hospital de Cleveland, que tão profundamente impressionou a opinião pública de todo o mundo, foi atribuído — pelo menos em parte — á inflamação de películas cinematográficas em depósito na sala de radiografia do mesmo hospital. Entretanto, isto, não foi absolutamente confirmado. Por sua vez, numerosos químicos pretenderam explicar — cada um a seu modo, mas sem terem chegado a uma conclusão precisa — como se produziram os gases mefíticos que causaram tantas vítimas entre os doentes, os médicos e os enfermeiros.

O que não resta dúvida é que outros poderosos elementos concorreram para provocar uma tão tremenda catástrofe. Entretanto, como toda a gente se ocupa, largamente, do assunto de incêndios causados pela inflamação das películas, assunto que implica com a necessidade de se empregar — pelo menos por necessidade — filmes inflamáveis, a oportunidade de se recorrer a sistemas especiais para o isolamento do filme e a uma instalação adequada das «cabines» de projecção e depósito de películas, julgamos da maior utilidade dar um largo resumo do que a esse proposito escreveu uma rara competência, Thomas Mc Ilvaine.

O enorme consumo anual de películas pode dar-nos a importancia do perigo. Nos Estados Unidos são negociados, cada ano, mais de 400 milhões de metros! Os filmes existentes hoje, podem contar-se por centenas — quando não se queira dizer milhares ou dezenas de milhar — nas casas produtoras ou distribuidoras, escolas, instituições, etc.

Há já alguns anos, em Pittsburg, um incêndio provocou a morte de dez pessoas e feriu, gravemente, vinte. O fogo declarou-se na sala de uma casa distribuidora; apossou-se rapidamente das películas colocadas em «bobines», produzindo a emanção de um gás cuja explosão, provocada pelo efeito da temperatura, destruiu a parede mestra de três andares do prédio, muito embora ela tivesse uma espessura

superior a vinte centímetros! Os peritos chamados para inquerir do desastre, constataram que a maior parte das disposições, no que se refere ao isolamento dos filmes, tinham sido desprezadas. A sala estava provida de portas duplas, mas estas tinham sido abertas e os extintores, manuais, de incendio, não existiam; os ventiladores, que poderiam purificar o ar, prejudicado pela decomposição do filme, só existiam *in nomine*; grandes quantidades de filme não estavam em casas blindadas; numa dependência que o pessoal havia transformado em cozinha, encontraram-se pedaços de filme que, evidentemente, estavam ali por negligência; os tubos de aquecimento central estavam a descoberto, e só uma parte das películas estava dentro das respectivas caixas metálicas; as portas de comunicação para a escada, constantemente abertas, de modo que as correntes de ar provocavam uma rápida insuflação de gás por todas as restantes divisões da casa.

Em Bayona, há também já alguns anos, declarou-se um terrível incendio num estabelecimento onde se extraía os sais de prata dos filmes velhos, mergulhando-os em fortes soluções quentes de soda caustica. Os gases acumulados incendiaram-se, e o estabelecimento foi totalmente destruído. Houve dezenas de mortes. Um detalhe particularmente impressionante: do local do fogo irradiava uma temperatura tão elevada que, num círculo superior a sessenta metros, os fios telefónicos e telegráficos fundiam-se e provocava incêndios.

Em 1925, em Nova-Jersey, declarou-se um gravissimo fogo num estabelecimento onde nada havia sido esquecido para evitar este terrível acidente: portas especiais, extintores automáticos, isolamentos reforçados, em amianto, etc. O inquerito a que se procedeu, veio demonstrar que elle tinha sido devido a um indesculpavel descuido: o ter deixado muitas portas abertas. Mc Ilvaine sugere uma série de ideias que julgamos da maior oportunidade enumerar:

1.º, As paredes dos arquivos dos fil-

mes devem ser de solidissima construção; 2.º, dentro das casas-arquivos deve existir grande numero de extintores; 3.º, as portas com fechadura automática e constantemente cerradas; 4.º, os fios electricos guarnecidos de chumbo e para a iluminação, utilizar lampadas de vapor ou com o ar rarefeito e não de filamento metálico; os acumuladores não devem produzir faísca quando se liguem para produzir corrente; 5.º, absolutamente e por intuição, proibido fumar; 6.º, os rôlos dos filmes sempre dentro das caixas metálicas; 7.º, as caixas sempre afastadas dos tubos de aquecimento ou radiadores, sendo preferível eliminar estes, não se podendo, porém, envolvê-los com rede metálica; 8.º, a substancia utilizada na colagem dos filmes — extremamente inflamavel — deve estar sempre cuidadosamente fechada e tida só, na quantidade restritamente necessaria; 9.º, as aparas ou desperdícios dos filmes guardados em recipientes especiais de fechadura automática; 10.º, todo o «stock» de papeis, impressos, fotografias, etc., deve estar separado.

A estes preciosos conselhos, acrescentaremos que, ás escolas, institutos, etc., que têm filmes, não é nem difficil nem custoso, sujeitarem-se ás mais complexas medidas preventivas.

E' particularmente recomendavel ter as colecções de filmes em locais afastados das aulas ou salas de reunião e, muito em especial, dos sítios que não comuniquem directamente com a escada; isto com o fim de evitar que a expansão do gás e do fumo impeça a saída das pessoas que se encontrem nessa casa, causando grandes desgraças.

Tudo isto, bem entendido, sem prejuizo da preferéncia que se deve dar á película ininflamavel, que, seguramente, se destina a substituir a outra, muito principalmente no cinema educativo, onde não são necessárias projecções colossais.

(Da «Revista Internacional do Cinema Educativo»)



Por absoluta falta de espaço, não nos referimos, no numero anterior, á exhibição do filme português *A Castelã das Berlengas*, o que fazemos hoje, apresentando a todos as nossas desculpas.

Oportunamente, os nossos criticos occupar-se-hão do filme português *A Castelã das Berlengas*, argumento e realização do sr. António Leitão, á passagem do qual assistimos, por amavel convite dos seus produtores, srs. Melo, Castelo Branco, Limitada.

Recebemos a seguinte carta:

... Sr. director de *Cinegrafia*: — Alfredo António Durães, Jorge Amaral da Costa e João Veloso, vêm participar a V. Ex. que fundaram uma sociedade denominada «Grupo Amadores de Cinema», com a sua sede provisória na Rua Joaquim Casimiro, 25, r.c., Esq., cujo fim é realizar filmes portugueses na medida das suas posses.

Contando já alguns sócios, tem aberta a inscrição para individuos de ambos os sexos que para o mesmo desejem entrar, podendo os interessados dirigir-se á nossa sede todos os dias uteis, das 19 ás 21 horas.

Agradecendo, desde já a V. Ex., a publicação de uma noticia no conceituado jornal de que V. Ex. é mui digno director.

Agradecendo, sómos, com estima e subida consideração. — De v., etc., (a) Alfredo António Durães.

A Imprensa cinematográfica continua sendo a miragem de muita gente. Além de um já anunciado diário de cinema, dá-se como certa a próxima saída de um semanário independente, de cinema e de teatro, intitulado *Da Plateia*, tendo como redactor principal o sr. Jorge Simões.

O sr. Eduardo Gomes está trabalhando

num documentário a realizar — *A hora do trabalho* — com fotografia do sr. Fernando Pinto de Oliveira.

Diz-se, tambem, que um dos cinemas, recentemente inaugurados, encerrará as suas portas nos meses de estio e enquanto durarem as obras da colocação de balcões.

Consta que vai passar por uma grande transformação um dos mais elegantes cinemas da capital.

As obras, que vão ser importantes, devem iniciar-se nos meses de verão.

Com o pedido de publicação recebemos o que passamos a transcrever:

«Com a mais patriótica e ardente fé, e adentro duma organização tão completa quanto o permite a pequenês do nosso acanhado ambiente artistico, embora indo contra a rotina habitual, acaba de se organizar, no Porto, a empresa cinematográfica Porto Film, L.da, obra de alguns apaixonados ferverosos do cinema luso, e que ao cinema português deram já uma apreciável quota do seu esforço.

A novel empresa, levada a cabo depois de convenientemente estudada uma série de planos em que assentam as suas bases, dedicar-se-á, dentro do mais completo rigor, á produção de películas históricas, por isso a sua orientação merece todo o carinho, não só dos cinéfilos, mas tambem de todos os portugueses.

A sua missão de levar ao «écran» as mais curiosas e brilhantes fases da nossa História Pátria, é, incontestavelmente, a mais espinhosa de quantas tem apparecido no nosso cinema, mas porque é a mais ingrata é tambem a mais gloriosa.

Da Porto Film, L.da, fazem parte um grupo de devotados cinéfilos, para quem os escaninhos e as dificuldades da sétima arte não são segredos. A sua direcção financeira e comercial foi entregue ao engenheiro sr. Marques da Fonseca, para quem as coisas da arte merecem um particular carinho; a direcção artistica encontra-se nas mãos de Maria Emilia Castelo Branco, a distinta artista que o público e os técnicos souberam aplaudir sem reservas nas suas criações em *Sereia de Pedra*, *Olhos da alma*, *Destino*, *Diabo em Lisboa*, *Taxi n.º 9277* e *José do Telhado*, e que alia ás suas qualidades de artista de eleição uma rara cultura servida por uma apreciável intelligência; a direcção técnica foi confiada a Carlos Moreira, um dos mais antigos jornalistas cinegráficos, um técnico completo, embora muito modesto.

A *Rainha Santa Isabel* será a primeira película da Porto Film, L.da, que apresentará, com brilhantismo desusado, em assuntos nacionais, a vida da esposa do rei D. Diniz, o primeiro rei trovador da dinastia afonsina.

A seguir á produção de *A Rainha Santa Isabel*, a linda princesa de Aragão, será iniciada a filmagem de *Inês de Castro*, a figura feminina mais discutida da corte portuguesa da Idade Média.

A Porto Film, L.da, tem a sua sede, provisoriamente, na rua de S. Paulo, n.º 80, no Porto, e do seu elenco farão parte um grupos de novos de reconhecido valor, e os mais experimentados artistas do cinema português.

a) M. COSTA

Chefe dos serviços de publicidade da Porto Film, L.da

Recebemos o segundo numero da *Revisita Portugal Feminino*, que se apresenta com uma boa colaboração e um bonito aspecto gráfico. Agradecemos.

ALEMANHA

O realizador Leo Muller principiou uma produção sonora, que tem por título *Rei de Paris*.

Corre em Berlim que Emil Jannings tenciona abandonar o cinema e dedicar-se ao teatro.

AMÉRICA

Agora que o cinema sonoro está estabelecido sobre bases de verdadeira evolução artistica, as películas coloridas parecem ser o proximo passo em frente da industria cinematografica.

Numa exhibição privada, que se realizou nos studios que a Pathé tem em Culver City, projectou-se um filme com scenas tiradas num lindo campo de flôres.

William T. Crespinel, o inventor deste novo negativo de variadas côres, e que tem por título *Multicolor Rainbow Negative*, diz que a sua invenção não necessita o emprego de máquinas ou luzes especiais, e pode usar-se com um projector de 15 ou mais milímetros. As novas películas multicolors reproduzem a cor exacta das coisas, dando, assim, ao espectador, uma illusão mais verdadeira da scena.

Qualquer máquina cinemato-

DE TODO O MUNDO

gráfica pode transformar-se em projector, para esta nova classe de negativo, adicionando-lhe unicamente um disco especial, e alterando ligeiramente a lente.

John Mascall diz que o actual processo é uma engenhosa combinação química que torna admiravelmente coloridas as diversas scenas que se vão fotografar, e que, além disso, êste descobrimento aperfeiçoa a película, dando-lhe uma maior duração, pois evita os riscos que, frequentemente, danificam os filmes.

A próxima película que filmará Ann Harding, será *Jane Eyre*, a famosa novela de Charlotte Brouhe.

A realização de *The Love Parade* (*A Parada do Amor*), é o resultado de muitos anos de experiência em matéria cine musical. Trata-se do primeiro filme-opereta levado á tela, e foi produzido nos studios da Paramount, em Hollywood.

O protagonista é Maurice Chevalier, que se notabilizou como par dançante da celebre Mistinguette, em revistas parisienses. O seu primeiro filme Paramount foi o de *Inocents of*

Paris, a sua estreia no campo da acção dramática.

Ernest Lubitsch, director de *The Love Parade*, foi artista em revistas musicadas e óperas ligeiras em Berlim, antes de iniciar a sua carreira como director da Ufa.

Ernest Vajda, autor da opereta, é o célebre dramaturgo de *O Casamento de Carnaval*, que se repete com assiduidade em Budapest, constituindo uma das mais populares revistas da Hungria.

FRANÇA

Nos estudio Tobis, terminou-se a sonorização do filme *Le Prise de Beauté*, onde têm papeis principais, Louise Brooks e André Nicolle.

Deve ser exhibido ainda êste mês, o ultimo filme de Victor Saville, intitulado *De Femme à Femme*.

Victoria Film tenciona, em breve, apresentar, semanalmente, um jornal sonoro de actualidades.

O famoso filme de Rodolfo Valentino, *Arenas que sangram*, será, dentro em breve, exhibido sincronizado.

INGLATERRA

Guy Ferraut, o interprete de *Mademoiselle Josette ma Femme*, *La Petite Marchande d'Allumettes* e *Nouveaux Messieurs*, acaba de ser contratado para interpretar um dos principais papeis do filme de E. A. Dupont: *Os Dois Mundos*.

O filme de Pudowkine *O Fim de San Peterbourg*, proibido pela censura inglesa, foi, finalmente, exhibido, depois de ter sofrido cortes insignificantes, no Teatro Scala, de Londres.

JAPÃO

Os cinemas de Toquio estão-se preparando para o filme sonoro. Já estão prontos três salões para a passagem das *talkies*.

POLONIA

O primeiro filme sonoro e falado polaco será *O Moral de Madamé Dubska*, extraído da peça de Zapolska. A parte sonora está a cargo do compositor L. Rozvoki.

SUIÇA

M. Talk está fazendo, em Aroza, um filme de montanha, onde colaboram 50 campeões alemães e austriacos, de *ski*.



A casa que apresentou:

BEN-HUR e GRANDE PARADA

acaba de apresentar

o PRIMEIRO FILME SONORO em Portugal

SOMBRA S BRANCAS

e exhibirá em breve

Nos melhores cinêmas de Lisboa e Provincia

os seguintes filmes

SONOROS

Miragens, com Marion Davies e W. Haines

A Dama Oportuna, com Norma Shearer

Orquídeas Bravas, com Greta Garbo

Heróis do Ar, com Ramon Novarro

O Figurante, com Buster Keaton

Broadway Melody, com Bessie Love.

Diarios sonoros,

Hearst Metrofane,

Comicas Sonoras,

Variedades sonoras.

MUDOS

Patsy, com Marion Davies

Uma noite em Singapura com Ramon Novarro

Ultima moda de Paris, com Norma Shearer

Orgulho Desportivo, com William Hains

Londres depois da meia noite, com L. Chaney

Saias, com Syd Chaplin

Actualidades M. G. M.

Comicas de Charley Chase

Stan Laurel e Oliver Hardy

Troupe Fandanga

Mudos ou sonoros

Os filmes Metro Goldwým Mayer

São os melhores do mundo

CREADORES DOS CELEBRES PRODUCTOS MARYA
UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL DOS PRODUCTOS
DE BELESA CADY

Especialidades em productos
de beleza das melhores marcas
de todo o mundo

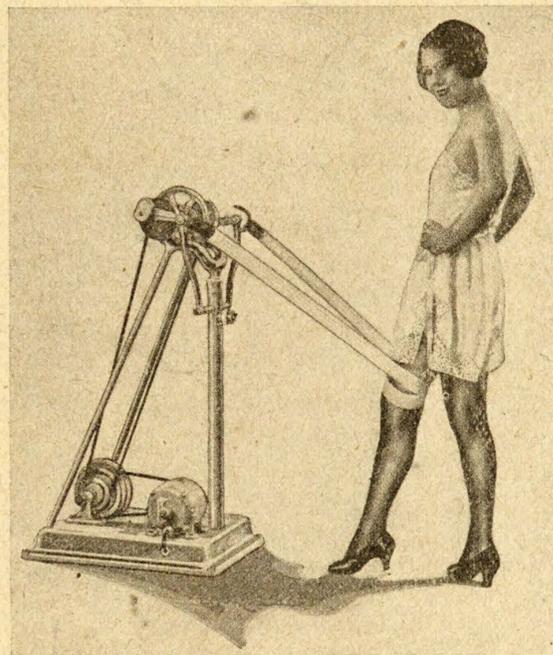
Prefiram sempre os
«Productos MARYA»
eguaes aos melhores
estrangeiros e muito
maís baratos

PERFUMARIA DA MODA

5. RUA DO CARMO - 7. LISBOA

O Instituto de Higiene Fisica

Faz tratamentos
à Obesidade,
Distenções,
Manchas de Pele
Aplicações de
Raios Ultra - Violetas
e Infra - Vermelhos
Massagens Mecanica
e Manuaes.
Ginastica e Duches
sistema sueco



A melhor maneira para corrigir
e conservar a plastica

Agradecemos uma visita
ao nosso Instituto

Rua da Horta Seca, 3, 1.º
(à Praça Luiz de Camões)



O-seu fato está enxovalhado?
Entre V. Ex.^a na **Engomadaria Ame-
ricana** e 15 minutos depois, por Esc. 10\$00,
o seu fato fica como nôvo.

1.º Ano



CINEGRAFIA